

AMI

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO XCI
Nº 11 - NOVEMBRO 1989 - NCz\$ 5,00



**O povo de Deus na América
Latina a caminho da libertação**

**Maria Domingas:
da burguesia à feminilidade**

DÁ-NOS A TUA PAZ!

D. Pedro Casaldáliga

*D*á-nos, Senhor, aquela Paz estranha que brota em plena luta como uma flor de fogo; que rompe em plena noite como um canto escondido; que chega em plena morte como o beijo esperado.

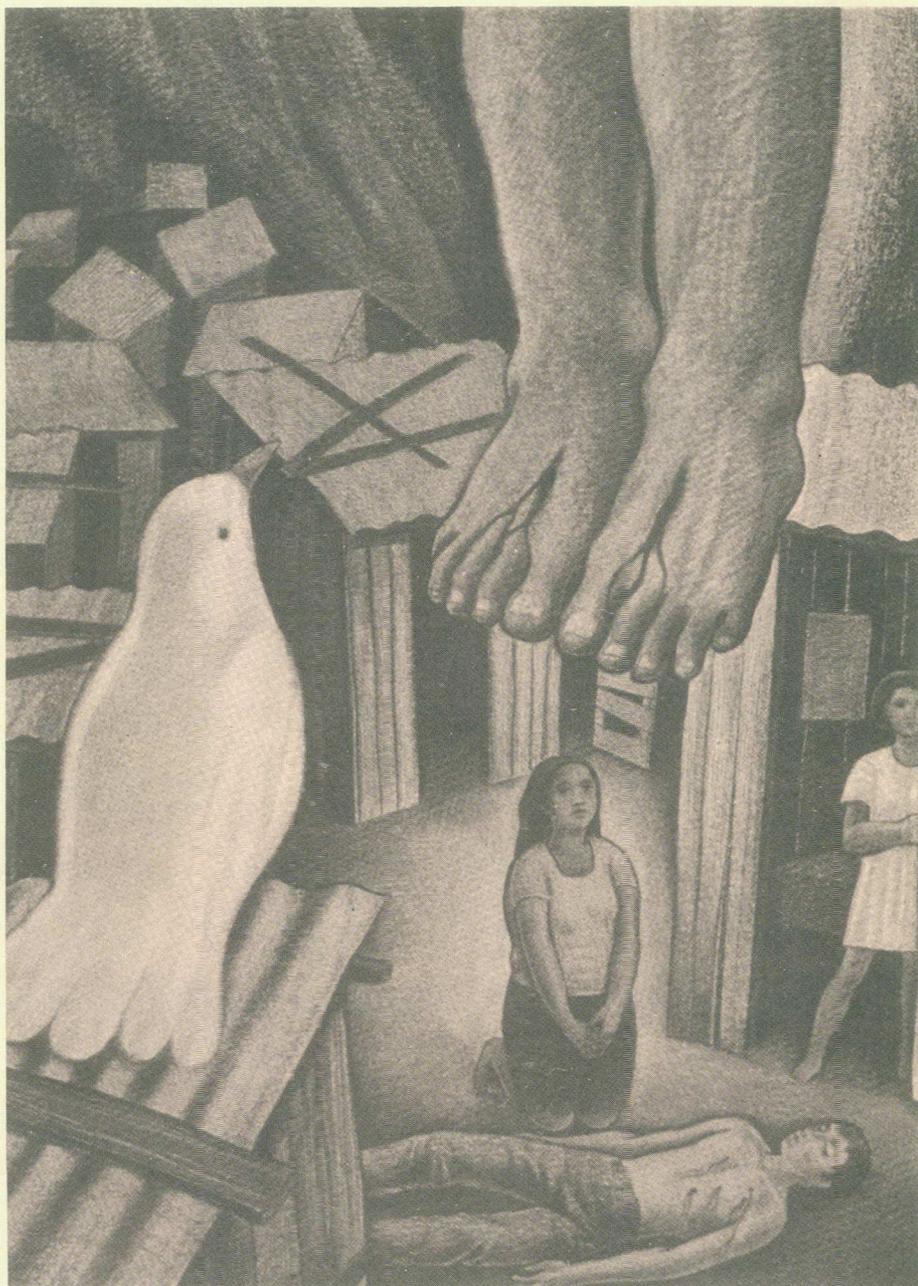
Dá-nos a Paz dos que caminham sempre, nus de toda vantagem, vestidos pelo vento da esperança.

Aquela Paz dos pobres, vencedores do medo.
Aquela Paz dos livres, amarrados à vida.

A Paz que se partilha na igualdade, como a água e a Hóstia.

Aquela Paz do Reino, que vem vindo, inviável e certo.

Dá-nos a Paz, a outra Paz, a tua,
Tu que és nossa Paz!



2. **DÁ-NOS A TUA PAZ**
A paz do Reino que vem vindo, inviável e certo.
4. **A IGREJA NO MUNDO**
Notícias
5. **VIVOS**
A morte não existe, o que existe é somente a vida
6. **POVO DE DEUS NA AMÉRICA LATINA A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO**
Reflexões do 7º Encontro Intereclesial de CEBs
14. **SALVE-SE QUEM PUDE**
Afirmar uma Igreja comprometida com a justiça não significa pensar numa Igreja partidária
15. **MARIA DOMINGAS**
Da burguesia à feminilidade pioneira
19. **COMUNICAÇÃO**
Planejamento, estrutura e coordenação de reuniões
21. **AGRESSIVIDADE COMO UMA DAS FORMAS DE SOBREVIVÊNCIA**
Comportamento agressivo, uma reação emocional para sobreviver
22. **ALCOOLISMO**
Tomando o álcool a sério
23. **MENSAGEM MARIANA**
Maria e o amor preferencial pelos pobres
24. **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Morte e luto. Experiência pascoal
26. **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião
27. **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
(26 de novembro; 3, 10 e 17 de dezembro)
30. **RELENDO A BÍBLIA**
31. **RECADOS DO CORTÊS**
37. **RELENDO A BÍBLIA**

Comunhão no mesmo Espírito

Teriam os discípulos de Jesus se esquecido de transmitir algo de importante aos outros discípulos que vieram depois?

Por que será que hoje as comunidades cristãs (ou a maioria delas) são tão diferentes das dos primeiros cristãos? Naquele tempo, os "irmãos" como eram chamados os batizados — conheciam-se pelo nome; visitavam-se com frequência; trocavam informações sobre os problemas do cotidiano e mutuamente partilhavam os bens da vida para que ninguém sentisse necessidade. E não eram poucos os que viviam literalmente a unidade. "A multidão dos fiéis a Cristo era um só coração e uma só alma" (At 4,32).

Hoje, é claro, os tempos são outros, a realidade social é outra, mas o Espírito é o mesmo. Graças a Deus!

Então o que aconteceu? São poucas as comunidades, as igrejas que revelam o Espírito. Teria sido a aliança da instituição eclesial com o poder e com o Estado? Teria sido o gigantismo da instituição e a supervalorização do ritualismo? Teria sido a religiosidade mesquinha, individualista e intimista que faz esquecer que a fé verdadeira no Deus de Jesus Cristo nos impele à comunhão e à partilha?

É claro que incontáveis grupos cristãos, hoje e outrora, conseguiram manter a espiritualidade original, mas, lamentavelmente, também são incontáveis os que perderam a espiritualidade original.

O Concílio Vaticano II (de 11/10/1962 a 7/12/1965) veio abrir mais as portas e janelas ao Espírito e a Igreja de Cristo se tem tornando mais arejada e cheia de graça.

Neste número, a revista *Ave Maria* registra um acontecimento importante para os cristãos: o 7º Encontro Intereclesial de CEBs. As Comunidades Eclesiais de Base, que há quase três décadas vêm-se plantando na América Latina e tentam resgatar a espiritualidade e a fraternidade dos primeiros cristãos, são um jeito novo de ser Igreja hoje. A importância desse acontecimento consiste no fato de as CEBs manifestarem persistente empenho na caminhada que é viver e testemunhar o Evangelho. Acompanhe um pouco o roteiro desse 7º Encontro, as conclusões e os testemunhos sobre esse fato eclesial tão importante. Leia: "Povo de Deus na América Latina a Caminho da Libertação" — Reflexões do 7º Encontro Intereclesial de CEBs (pág. 7 e ss.).

A caridade não tem fronteiras; ela se manifesta no fiel impregnado do Espírito que, em consequência, é rico em fraternidade. Um bom exemplo do amor está, acima de tudo, no artigo: "Maria Domingas, da Burguesia à Feminilidade Pioneira" (pág. 17 e ss.). Ela desafiou os preconceitos machistas do seu tempo e fez da vida tão-somente o que ensinou Cristo. Ela superou os limites do seu tempo incrustados na cultura burguesa e na educação. A Boa Nova conseguiu concretizar-se em sua vida exemplar.

Quem dera a convivência atual entre os cristãos de fato fosse como nos primórdios. Isso é possível: basta que os batizados acolham o Espírito como antes.

P.C.G.

Dom Paulo lança livro na Semana de Fé e Compromisso Social

São Paulo (AGEN) — O lançamento do livro *Clamor do Povo pela Paz*, de dom Paulo Evaristo Arns, e o show de Milton Nascimento marcaram, no último dia 14, o encerramento da Semana de Fé e Compromisso Social, promovida pela arquidiocese de São Paulo e realizada no Tuca. Dom Paulo foi homenageado ainda em função de sua indicação ao prêmio Nobel da Paz deste ano. O vice-prefeito de São Paulo, Luís Eduardo Greenhalgh, a secretária municipal de Cultura, Marilena Chauí, e o padre Bendito Ferraro foram alguns dos expositores da semana.



FOTO DA CAPA:
Pintura de Cerezo Barreto, cmf

Evangelizar na perspectiva dos pobres

Com novo ardor, novos métodos e nova expressão, segundo o carisma das congregações, é a prioridade para os religiosos do Brasil no próximo triênio (1989-1992). Assim decidiu a 15.^a Assembléia Geral Ordinária da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), realizada em São Paulo, de 24 a 28 de julho de 1989, para eleger a nova Diretoria Nacional e estudar "Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil", com 558 participantes, sendo 465 superiores maiores, 28 observadores, 27 assessores, 20 convidados e 18 diretores. Dom Vincenzo Fagiolo, secretário da Congregação para os Religiosos, na sessão de abertura, leu a "Carta do Santo Padre à 15.^a Assembléia da CRB", estimulando a procura da nova evangelização. Dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, falou na tarde do primeiro dia sobre "Conjuntura Nacional e Eclesial", mostrando fatos de morte e de ressurreição, onde se aprende o compromisso com as maiorias oprimi-

das, e destacando o dinamismo da Igreja e da vida religiosa no Brasil, cuja caminhada mereceu um ato de fé e esperança.

Foram votados um comunicado à imprensa denunciando o genocídio dos índios no Brasil e uma declaração sobre o Plano Palavra-Vida, reafirmando sua necessidade dentro das condições estabelecidas. A 15.^a Assembléia elegeu para presidir a Conferência dos Religiosos do Brasil, nos próximos três anos (1989-1992), padre João Edênio dos Reis Valle, do Verbo Divino, além de outros dez membros para a Diretoria Nacional e sete para o Conselho Superior.

Despejo de sem-terra no Paraná

A polícia do Paraná despejou 1 900 famílias de agricultores sem-terra, agrupadas em 11 acampamentos e 10 municípios, dias 16 e 17 de setembro, a pedido da UDR (União Democrática Ruralista). Os bispos (13) e provinciais (48), reunidos em Curitiba no dia 15 de setembro, receberam esta informação da Comissão Pastoral da Terra do Paraná, na véspera da 11.^a Assembléia Regional do Povo de Deus. Nessa ocasião, os bispos e superiores religiosos do Paraná lançaram o "Apelo às Autoridades e ao Povo" para o diálogo, a negociação, o respeito aos imperativos da justiça nos problemas sociais e a busca da educação para viver a plena democracia. Nesse documento, fazem perguntas aos homens de boa vontade: 1) As áreas em conflito não teriam, por acaso, sua docu-

mentação incompleta e, nestas condições, seria justo fazer um despejo urgente nestas áreas? 2) A UDR é a legítima proprietária das terras ou está defendendo uma bandeira política em época de eleição? Fazem ainda estas propostas às autoridades competentes: 1) que a todo custo seja evitada a violência de todos os lados; 2) que sejam ouvidos os vários segmentos da população envolvidos no assunto; 3) que toda e qualquer operação de despejo não seja fruto de uma ação político-partidária, mas de uma ação jurídica e educativa.

Semana debateu Estatuto da Criança e do Adolescente

São Paulo (AGEN) — O Estatuto da Criança e do Adolescente, que tramita no Congresso Nacional, foi um dos temas em discussão na 9.^a Semana Ecumênica do Menor, promovida pela Comissão Ecumênica do Menor, de 14 a 17 de setembro, no Centro Pastoral São José. Entre outros, participaram da Semana o cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, o presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, e o secretário regional do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), pastor metodista Sérgio Marcus Pinto Lopes.

AVISO AOS ASSINANTES

Em breve, nosso representante João Menezes estará visitando as seguintes cidades paulistas: Boituva, Cerquillo e Tietê.

IRMÃS BATISTINAS DO BRASIL

Há 50 anos, no dia 6/10/1939, as Irmãs Batistinas iniciaram em Itapeverica (MG) a sua primeira tarefa de assistência aos doentes da Santa Casa em terras brasileiras. Fundada por Von Afonso Maria Fusco e dedicando-se à educação, à evangelização e à promoção dos mais necessitados, a instituição comple-

ta seu quinquagésimo aniversário no Brasil, onde já possui obras em Belo Horizonte (MG), São Bernardo do Campo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Aparecida do Taboado (MT) e Brasília (DF). A casa provincial das Irmãs Batistinas fica na Rua Célio de Castro, 467, tel.: (031) 444-5811, CEP 31110 - Belo Horizonte, MG.

VIVOS

José Wanderley Dias

A morte não existe realmente. O que chamamos de morte é um intervalo, é a passagem obrigatória, é a porta dolorosa e sentida que liga a vida que passa à vida que não passa.

Como vemos apenas com os limitados olhos físicos, sentimos o vazio da ausência corporal. Nossos ouvidos lamentam não mais ouvir a voz do ente amado. Nossas mãos buscam no ar, inutilmente, mãos que um dia afagaram.

Choramos a partida, lamentamos o silêncio.

Claro que a compreensão total só a teremos quando nós também tivermos passado deste para o outro lado da rua da vida.

Se, porém, tivermos a calma necessária, a paciência requerida para não deixarmos que a emoção nostálgica nos domine, teremos alguns sinais da evidência indiscutível de que a morte não existe, é uma ilusão, é um trecho que logo será substituído pelo inteiro e interminável.

Cultuamos a memória dos que se foram. De que adiantaria isso, qual a utilidade dessa lembrança, se nunca mais os fôssemos ter de novo?

Haveria uma trágica semelhança, por exemplo, com o se tentar, em vão, plantar uma semente seca num terreno pedregoso.

Estariamos a buscar viço e perfume em folhas secas, em cinzas mesmo.

Lembramos não o que se foi, nem quem se foi. Fazemo-lo para sentirmos a certeza interior de que continuam.

E continuam e prosseguem porque, na realidade, a vida não pára, a vida continua.

Os que aparentemente se foram, continuam. Estão conosco.

Evidentemente que não na dimensão física, transitoriamente rompida, até que se recomponha na "ressurreição dos mortos".

Por isto mesmo, o dia destes não é de finados realmente, mas o de vivos, de vivos da verdadeira vida.

Alguns sinais, como disse, temos já.

A saudade não apenas como lembrança, mas como manifestação de esperança, de confiança amena no reencontro.

O pranto sem desespero de quem sabe que, um dia, as lágrimas serão consoladas. Quando se ama, não existem *mortos*.

A vida deles continua. Nos que deixaram. No que legaram. Seus gestos, muitos deles prosseguem. Suas palavras não mais são ouvidas fisicamente, mas suas idéias se mantêm, como que ressuscitadas, trazidas de novo à existência. Não esquecemos o que nos significaram. Atendemos ao que nos pediram. Nossa herança não é apenas material. Deles ficam os exemplos, aquilo que geraram, aquilo que fizeram nascer.

Não é apenas a lembrança jurídica do nome e a sucessão nos bens eventuais. É a continuação do ser. Os mortos são cada vez mais governantes dos vivos. Isso não é apenas imagem literária: é comprovação de cada dia, é evidência de cada instante.

Não somos apenas matéria perecível: somos espírito que perdurará sempre e para sempre.

Deus é pai e não nos criaria para a destruição, pois isso não se faz com filhos.

Continuaremos assim.

Como continuam aqueles a quem amamos no passado, a quem amamos no presente, e a quem amaremos num

amanhã em que não haverá interrupções, lapsos, amarguras.

Se o amor não morre, se o amor é superior às paredes tumulares, como é que se entenderia amarmos quem não vive?

Não se pode dedicar amor às coisas inertes, porque amor é reciprocidade.

Por isso mesmo é que a morte não existe. A vida não é uma sucessão de espaços de tempo medidos pelos relógios e pelos calendários.

Vida é aquilo que nos move, que nos faz diferentes das coisas.

Se morrêssemos, seríamos iguais a elas, seríamos coisas também.

Como somos pessoas, indivíduos irrepetíveis, não morreremos.

Não é o dia 2 de novembro uma data de lamentação sem conforto.

Admito que é uma data de lembrança e de compreensível tristeza até.

Não é, porém, um re-ssepultamento do ente amado; não é, porém, uma nova cerimônia fúnebre de inumação de quem se foi.

É o instante de, pela presença da lembrança, à qual se acresce a certeza do reencontro, dizermos a nós mesmos que a vida continua.

É o momento de prece, de reflexão, de sorrir em meio à lágrima.

Não é o momento de agonia, mas o de anúncio da ressurreição.

O amor não se abate ante a provação.

Por isto ele não passa.

Ele é a verdadeira vida.

E a vida verdadeira não pára. A vida continua. Para sempre e um dia.

Para um dia que chamamos de sempre...

Porque a morte não existe, o que existe é somente a vida que lhe é superior...

A vida do dia dos vivos... do dia chamado eternidade. •

(José Wanderley Dias é advogado e jornalista)



Realizou-se em Duque de Caxias, RJ, de 10 a 14 de julho deste ano, o 7º Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Debateram o tema "Povo de Deus na América Latina a Caminho da Libertação", cerca de 2000 pessoas, vindas de comunidades de todos os recantos do Brasil e também representantes de 19 países da América Latina; representantes cristãos da América do Norte, Europa, Ruanda e Moçambique da África e Filipinas.

Do Brasil participaram representantes de 225 das 252 dioceses da Igreja Católica; 120 representantes de 12 Igrejas Evangélicas, da Igreja Anglicana e da Igreja Ortodoxa, incluindo 43 pastores e pastoras e cinco bispos. E mais 30 representantes de povos indígenas.



42% dos participantes do 7º Encontro eram mulheres. Nas CEBs, "a mulher se sente digna, valorizada, luta contra o machismo e participa com o homem na sua organização. Mas ainda falta muito para que se cregue a uma participação igual..."

VERBO FILMES

POVO DE DEUS NA AMÉRICA LATINA A CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

(Sétimo Encontro Intereclesial de CEBs)

Em carta aberta a todos os cristãos motivados pela fé nas palavras de Jesus que disse: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles" (Mt 18,20), agradecemos, em primeiro lugar, às mais de mil famílias de Duque de Caxias que os abrigaram.

Os participantes se impressionaram e sentiram de perto a pobreza e a miséria em que vive o povo da Baixada Fluminense, onde impera a violência, o medo onde o poder policial reprime e os poderes públicos deixam à margem.

Durante a celebração ecumênica de abertura do Encontro, houve troca de presentes e de símbolos entre os representantes dos povos latino-americanos. Este pacto de fraternidade tornou viva a visão da Pátria Grande, na celebração presidida pelo bispo de Duque de Caxias, D. Mauro Morelli.

A carta do 7º Encontro Intereclesial de CEBs descreve resumidamente os sentimentos, as reflexões e a espiritualidade haurida da Bíblia que dinamiza as CEBs. Transcrevemos aqui partes da carta:

1º DIA: A SITUAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

"Acorda América! Chegou a hora de levantar! O sangue dos mártires fez a semente se espalhar!"

A pergunta que ligou o motor da nossa reflexão foi esta: "Quais as marcas comuns do sofrimento do povo latino-americano?" (...) Aos poucos, foi

aparecendo o rosto sofrido do povo latino-americano, mergulhado num rio de sofrimento: rosto de índio massacrado, rosto de negro marginalizado, rosto de mulher discriminada, rosto de operário explorado por baixos salários, rosto de menor abandonado, rosto de povo espoliado de mil maneiras, no campo e na cidade.

É o "homem das dores", a "mulher das dores", o mesmo Servo de Deus anunciado por Isaías e assumido por Jesus: "Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a doença, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. (...) Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades" (Is 53,3-5). O sofrimento do povo,

a chaga do Servo, é tão grande que parece não ter cura (Jr 15,18).

E até hoje continua o massacre, a destruição das culturas, sobretudo do índio e do negro. O capitalismo, sistema de morte, marginaliza o povo, impede a reforma agrária e consegue organizar o mundo de tal maneira que, através da dívida externa e da submissão de nossos governos, continua enriquecendo uma minoria à custa do sangue dos pobres, sacrificando-os ao deus dinheiro. Ai daquele que constrói sua riqueza com o sangue dos pobres! (cf. Hab 2,12; Jr 22,13; Mq 3,10).

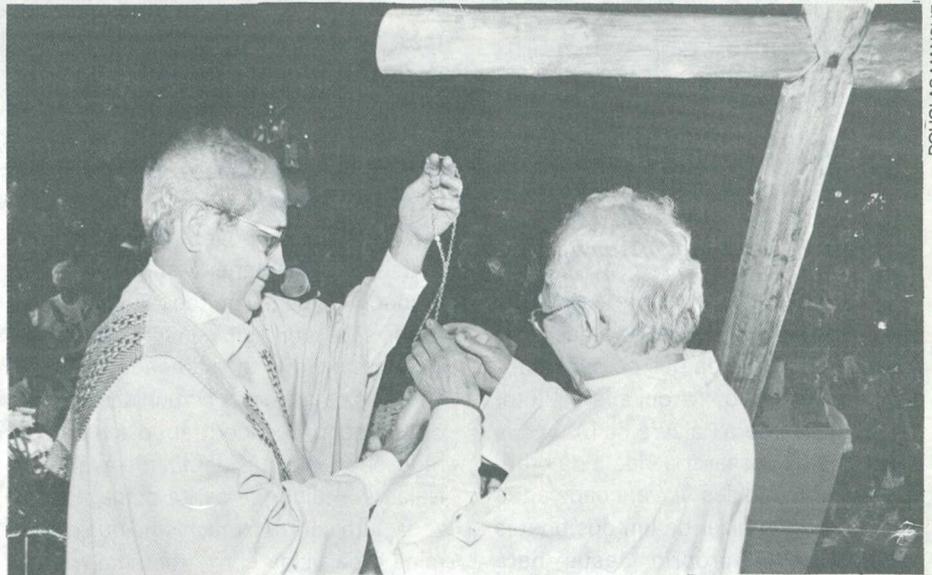
Também vimos que há muitos sinais de resistência em toda a América Latina. Pequenas e grandes lutas, que todos conhecemos ou das quais participamos, revelam um despertar e geram a esperança de um novo amanhecer.

Após 500 anos de presença neste Continente, nós, cristãos, temos de pedir perdão pelo mal que praticamos em nome do Cristianismo. Ao mesmo tempo, damos graças a Deus pelos pobres que, apesar de toda a opressão que sofreram, souberam receber, guardar e transmitir a força do Evangelho. Hoje somos convocados para revelar a verdadeira face da Boa Nova de Jesus aos empobrecidos. E já estamos começando. "Acorda, América, chegou a hora de levantar!" (...)

**2º DIA:
ENFRENTANDO A SITUAÇÃO:
FÉ E LIBERTAÇÃO**

"Nossa alegria é saber que um dia todo esse povo se libertará. Pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo, nossa esperança realizará"

No segundo dia, a pergunta inicial foi: quais as motivações de fé que temos para lutar pela transformação da sociedade? Na medida em que as respostas foram aparecendo, foi brotando também a convicção comum de todos: em nome de nossa fé em Jesus ressuscitado, temos de lutar pela transformação da atual sociedade latino-americana, e um dos instrumentos mais importantes para essa transformação é a ação política. Al-



Dom Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias, RJ, entrega a Dom Sumio, bispo da Igreja Episcopal, o símbolo do ecumenismo. o 7.º Encontro fortaleceu mais os laços ecumênicos entre os cristãos.

guém disse: "Sem a política, a fé é morta", pois seria fé sem obras (Tg 2,17). Os movimentos populares, as organizações sindicais, os centros de defesa dos direitos humanos, os partidos que defendem a causa do povo, e outras formas de luta oferecem oportunidades valiosas para testemunho de fé libertadora dos cristãos.

As comunidades devem reconhecer que as organizações políticas têm a sua autonomia. A Igreja não deve querer controlá-las. Em nosso Encontro, porém, foi ficando claro que temos de dar mais atenção à formação política dos cristãos: informar sobre as diversas orientações políticas que existem na sociedade assim como sobre as diversas tendências ideológicas. Aqui está uma tarefa importante para os próximos anos. Em alguns lugares, as Comunidades já estão sendo um espaço onde os que lutam na política encontram acompanhamento e compreensão, apoio e crítica construtiva.

Através da discussão e partilha das idéias apareceu para todos a necessidade de lutar por uma sociedade econômica e socialmente participativa e democrática. O projeto político para esta sociedade ainda não está totalmente claro e precisa ser aprofundado. Mas é neste rumo que as comunidades estão fazendo o caminho da libertação aqui na América Latina. A prática das comunidades

ajuda muito a fazer amadurecer e realizar este projeto. Todos sabemos que a nova sociedade não nos será dada de graça. Ela será fruto da luta do povo. Nós, cristãos, somos chamados a dela participar, ajudados e iluminados pela fé no Deus libertador.

O Povo de Deus sente que a ação política se ilumina, se fortalece e se aprofunda pela Palavra de Deus. A Bíblia, lida em comunidade a partir da nossa realidade, ajuda a descobrir as grandes linhas do projeto de Deus. A palavra de Deus é fonte de motivação para a ação política. Ajuda a atravessar o deserto da espera, quando a libertação tarda a chegar. Ajuda a transformar a paciência resignada em paixão que conduz à ressurreição. Ajuda a imitar Jesus que, como o Servo, não voltava atrás, mas sabia resistir, mesmo derrotado pelas forças de repressão (Is 50,4-19). Ajuda a entender e a superar os conflitos internos da Igreja com aqueles que não aceitam a participação na política partidária.

Como cristãos, temos muito a contribuir para melhorar e humanizar a ação política, participando de partidos políticos comprometidos com as lutas populares, para que se defenda e se promova a justiça e a liberdade para todos, colocando a sociedade em defesa da vida, que tem de ser vida em abundância (Jo 10,10)...

3º DIA:
COMUNIDADE ECLESIAL:
SINAL DO REINO DE DEUS

"Igreja é povo que se organiza, gente oprimida buscando a libertação, em Jesus Cristo a Ressurreição"

No terceiro dia, a pergunta inicial foi esta: "Na Palavra de Deus, o que mais toca e ilumina a vida das comunidades e as lutas do povo?" Aí apareceu toda a riqueza que a Palavra de Deus cria e recria, sem cessar, na vida e na prática das comunidades. A variedade é tão grande que, no dizer de um dos poetas presentes, "o próprio Jesus bate palmas".

As comunidades imitam de perto a comunidade dos primeiros cristãos na alegria, na partilha, no serviço. Como eles, são "assíduas ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e à oração" (At 2,42). Renovam a Igreja pela base e são um sinal do Reino para nós, povo empobrecido da América Latina.

As comunidades animam as pessoas a se organizarem para prestar ao povo o serviço da libertação que Jesus prestava aos pobres do seu tempo. Como sinal de sua maturidade, interpelam os pastores no sentido de um maior comprometimento na construção da nova sociedade, e manifestam a sua decisão de caminhar em união com eles. Criam um espaço onde o povo se sente gente, re-

toma a palavra, recupera a memória, refaz a história e experimenta algo da liberdade, para a qual Cristo nos libertou (Gal 5,1; 2Cor 3,17).

Nelas se manifestam os dons do Espírito Santo e reaparecem os mistérios em grande número e variedade para promover a vida do povo e prestar solidariedade. Desta maneira afirma-se o sacerdócio universal de todos os fiéis e os leigos são valorizados, investindo-se em sua formação e capacitação.

Aos poucos, nas comunidades, o índio e o negro reencontram o seu lugar e redescobrem a sua identidade e missão. Nelas, a mulher se sente digna, valorizada, luta contra o machismo que discrimina e participa com o homem na sua organização. Mas falta ainda muito para que se chegue a uma participação igual, em que já não haverá mais nenhuma discriminação (Gal 3,28).

Finalmente, o sinal do Reino que mais marcou o 7.º Encontro foi o passo dado em busca do ecumenismo. Por um lado, é um traço fundamental da Igreja que Jesus quis: "Pai, que todos sejam um, e o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17,21). Sem o ecumenismo, é impossível realizar a missão que Ele nos confiou. Através da sua unidade, os fiéis em Jesus Cristo dão testemunho da união que Deus quer que exista entre os homens e as mulheres de todos os povos do mundo habitado.

Por outro lado, é esse encontro do povo que crê que vai manifestando o crescimento do ser humano novo — ho-

mem e mulher —, feito à imagem de Jesus Cristo, o Messias. O povo que crê em Jesus tem de manifestar-se como povo libertador, para que a evangelização possa ter lugar. Para que possa nascer este povo unido, ouçamos a palavra de Paulo: "Sofro de novo as dores de parto até que Cristo seja formado em vocês" (Gal 4, 19). O povo das comunidades partilha aquela tarefa humana que é a mais ecumênica: trabalhar e lutar pela libertação.

Ademais, é o encontro e o diálogo com o próximo, diferente de nós, que testemunham o nascimento do novo ser humano. Isso é uma das grandes experiências do 7.º Encontro em Duque de Caxias, confirmando aquilo que escreveu São Paulo aos Colossenses: "De fato, vocês foram despojados do homem velho e de suas ações, e se revestiram do homem novo que, através do conhecimento, vai se renovando à imagem do seu Criador. E aí já não há grego nem judeu, circunciso e incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo ou livre, mas apenas Cristo, que é tudo em todos" (Col 3,9-11).

Chegando ao fim do encontro, apareceram algumas questões e desafios:

Questões:

- Qual é o modelo da nova sociedade?
- A dívida popular externa: como criar um vasto movimento popular para que não se pague esta dívida?
- Como tratar os conflitos dentro da Igreja?



Desafios:

- Consciência de participação na luta partidária.
- Formação política dos leigos.
- O ecumenismo e os ministérios.

Irmãos e irmãos, ao final desta carta, repetimos as palavras que o índio Antonio Celestino, do povo Xukuru-Kariri, falou para nós no fim do primeiro dia do Encontro: "Ando em busca de um 'bom dia' para dar a meu povo, porque os brancos, que se dizem nobres, o roubaram". Vamos trabalhar e lutar para construir um bom dia para o nosso povo!

Que os nossos encontros de comunidade sejam sempre como a visita de Maria a Isabel: fonte de alegria e de vida nova em que se começa a realizar a profecia: "Derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes" (Lc 1,52). E assim poderemos cantar: "O Senhor fez em mim maravilhas. Santo é o seu Nome" Lc 1,49).

Duque de Caxias, RJ, 14-7-1989

*Os participantes do
7º Intereclesial*



Além dos locais de plenário a Assembléia também marcou pela Celebração da Partilha em praça pública no centro de Duque de Caxias. Foi celebração ecumênica, comemorando o 8.º aniversário da diocese, na qual estiveram presentes mais de 10.000 pessoas. A Bíblia teve destaque especial; bispos católicos e evangélicos, pastores e sacerdotes proclamaram juntos a Palavra de Deus, abençoaram e partiram o pão distribuindo entre o povo, como sinal de partilha que caracteriza o espírito e prática da Vida das CEBs.

Ao final dos 3 dias, o teólogo frei Leonardo Boff, um dos assessores do Encontro, sintetizou as discussões apontando 4 elementos essenciais que sustentam a vida de uma CEB: perseverança na doutrina dos apóstolos (leitura da Bíblia), oração, na vida comunitária como partilha e na função do pão (Eucaristia).

Esses 4 elementos caracterizam a comunidade cristã, sua eclesialidade, sua solidariedade e sua fé.



Celebração da Eucaristia durante o 7º Encontro - confirmação do slogan do encontro anterior em Trindade (GO): "CEBs: um jeito novo de toda a Igreja ser".

A Comunidade Eclesial de Base é entendida como sendo um grupo de pessoas que, comungando a mesma fé, frequentemente se reúne para ler e refletir a Bíblia e sob esta luz fortalecer os laços de solidariedade e compromisso de vida, em comunhão com toda Igreja Universal e integrando pessoas das camadas populares.

Essa nova maneira de ser Igreja teve início nos primeiros anos da década de 60 motivada por problemas sócio-político-econômicos. As CEBs intensificaram-se a partir de 1964 diante da necessidade de união entre o povo num período de forte repressão do regime militar. Hoje são mais de 100 mil CEBs espalhadas por todo mil país.

Em geral as reuniões das CEBs acontecem uma vez por semana nas quais os participantes, motivados pela fé e espírito solidário, rezam, cantam, meditam a Palavra de Deus, discutem os problemas da vida, avaliam a caminhada e procuram executar propostas de ação cristã libertadora.

1º Encontro

Tema: "Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus" — Vitória, ES, em janeiro de 1975. Estiveram presentes membros de CEBs de 22 dioceses, 7 bis-

pos, agentes de Pastoral de vários Estados e alguns teólogos. *Conclusões:* o compromisso com a evangelização libertadora; a Igreja enquanto povo de Deus; a cultura popular; a linha política da Igreja, que ela participasse das lutas de libertação.

2º Encontro

— Tema: "Igreja, Povo que Caminha" — Vitória, ES, de 29 de julho a 1.º de agosto de 1976. Participaram cerca de 100 pessoas entre leigos, religiosos, padres e bispos e representantes de outros países. Conclusões: apoio e ajuda da Igreja aos movimentos populares; incentivar o surgimento de novas CEBs; defender os direitos humanos; motivar e auxiliar o desenvolvimento da consciência crítica para uma autêntica participação política.

3º Encontro

— Tema: "A Igreja, Povo que se liberta" — João Pessoa, PB, em julho de 1978. Participaram 150 pessoas. Conclusões: alimentar o compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo; recomendar diariamente a mudança do mundo; união e organização; estudar criticamente a história das sociedades e avaliar as pró-

prias ações; maior representação do povo junto ao bispo.

4º Encontro

— *Tema:* "Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação" — Itaici, SP, em abril de 1981. Participaram 300 pessoas entre agentes de pastoral, bispos e assessores de 18 Estados brasileiros. A partir desse encontro, o povo assumiu a direção com o apoio da hierarquia.

5º Encontro

— *Tema:* "CEBs, povo unido, semente de uma nova sociedade" Canindé, CE, em julho de 1983. Questões agrárias, fome, neocoronelismo e seca foram os assuntos centrais debatidos e do conteúdo da Carta de Canindé.

6º Encontro

— *Tema:* "CEBs, povo de Deus em busca da terra prometida" — Trindade, GO, em julho de 1985. Participaram mais de 1600 pessoas. Os debates versaram sobre o jeito de toda Igreja ser; a luta pela nova sociedade; terra de Deus, terra de irmãos; solidariedade com os povos da América Latina.

7º Encontro

— *Tema:* "Povo de Deus na América Latina a caminho da libertação" — Duque de Caxias, RJ, de 10 a 14 de julho de 1989. Participaram cerca de 2.000 pessoas. 225 dioceses representadas das 252 existentes. 900 delegados leigos, 105 padres, 165 religiosas, 100 bispos católicos, 38 índios brasileiros, 90 evangélicos de várias denominações, 99 latino-americanos e 60 convidados de outros países e outros observadores e profissionais da comunicação do Brasil e de vários países europeus. Mais aproximadamente 800 pessoas que estavam a serviço no Encontro.

8º Encontro

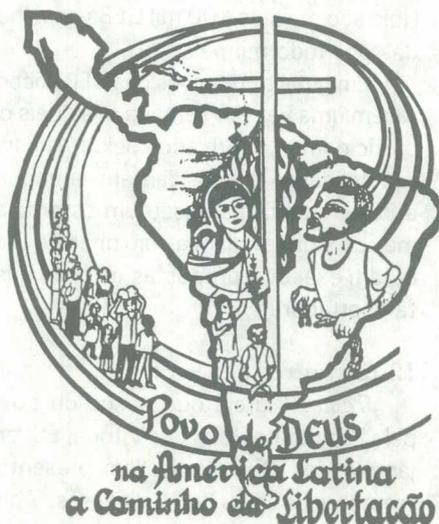
— *Tema:* "Culturas Oprimidas e evangelização na América Latina" — será em Santa Maria, RS, em 1992. A temática tratará da busca de uma caminhada comum, latino-americana por ocasião da celebração dos 500 anos da evangelização da América Latina. •

Fraternidade, Eclesialidade, Compromisso Depoimentos do 7º Encontro Intereclesial de CEBs

Entre os muitos ricos depoimentos feitos pelos participantes do 7º Encontro Intereclesial de CEBs, realizado em Duque de Caxias, RJ, de 10 a 14 de julho, selecionamos alguns extraídos das entrevistas exclusivas concedidas à revista Ave Maria por Benício Morales, sacerdote missionário claretiano e índio cuna do Panamá.

Em síntese, as perguntas feitas a todos os entrevistados foram as seguintes:

- *Qual a sua impressão sobre o 7º Encontro como um todo?*
- *A quais temas importantes tratados o senhor dá destaque?*
- *Quais as esperanças e expectativas que nasceram do 7º Encontro?*



1. Cleto Caliman

(Sacerdote salesiano e professor de Teologia-cristologia em Belo Horizonte, MG)

Em primeiro lugar, o encontro causou-me ótima impressão de alegria e satisfação em ver como as pessoas e os participantes se manifestaram e se expressaram.

Destaques:

As manifestações de uma vivência eclesial a partir da base, vivência mais ampla daquilo que tradicionalmente se percebe na Igreja, povo de Deus, e a partir também de uma abertura muito grande em relação a outros irmãos cristãos, a outras vivências religiosas no mundo de hoje.

A expectativa é de que aos poucos esta experiência fundamental de Igreja se alargue, se amplie na sua base, na Igreja Católica e nas outras igrejas cristãs. Além disso, o aumento do número de bispos neste encontro, apesar das dificuldades, fracassos e desânimos, foi muito bom. Essa presença, esse apoio significa algo novo também para a hierarquia da Igreja.

2. Clovis Erlik

(Bispo anglicano de Recife, PE)

Temos vivido um clima de irmandade muito grande e realmente as pessoas sentiram-se apoiadas a continuar a luta, porque vêem que muita gente está lutando. Este é um esforço muito bom pois, quando as pessoas voltam às bases, levam novo incentivo para continuar a luta. Eu destacaria:

Impressionou-me muito a liturgia. Em geral foram momentos fortes com a participação efetiva de todo o povo.

Liturgia é isso, o povo expressando



DOUGLAS MANSUR

Num dos vários salões ocupados pelos encontristas, o estudo, o debate, a reflexão sobre o tema: "Povo de Deus na América Latina a Caminho da Libertação". No total, quase 2000 cristãos representando comunidades de 19 países.

sua gratuidade a Deus, sua fé, com o corpo inteiro. A Igreja Católica esteve tanto tempo fechada, tão formal; agora ela é mais popular, aquilo de que realmente precisava a América Latina. Quanto à esperança, eu creio que estamos saindo de um ecumenismo formal, só de festa, para um ecumenismo real. Não estamos vivendo mais o tempo das dominações.

Os erros devem ficar para o passado e para a história; o momento presente é para juntar forças para a construção do Reino de Deus e não para a desunião das pessoas. Busquemos, pois, um objetivo comum: servir a Deus da maneira mais completa possível.

3. Oscar Beozzo

(Sacerdote diocesano, professor de História da Igreja da FAI — Faculdades Associadas do Ipiranga e membro da direção do CESEP — Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular, SP)

1) O fato deste encontro ter sido realizado em uma área metropolitana, em uma grande cidade empobrecida como é Duque de Caxias, com delegados que mergulharam na vida da cidade, porque

foram acolhidos pelas famílias que tiveram problemas de transporte, saneamento, água, ruas lamacentas e luta noturna para ganhar o pão de cada dia, é diferente de uma realidade rural. Isso é muito importante.

2) A presença latino-americana. É a primeira vez que as CEBs do Brasil têm uma oportunidade de um encontro mais amplo com a realidade da Igreja e também com a realidade sóciopolítica de outros países latino-americanos.

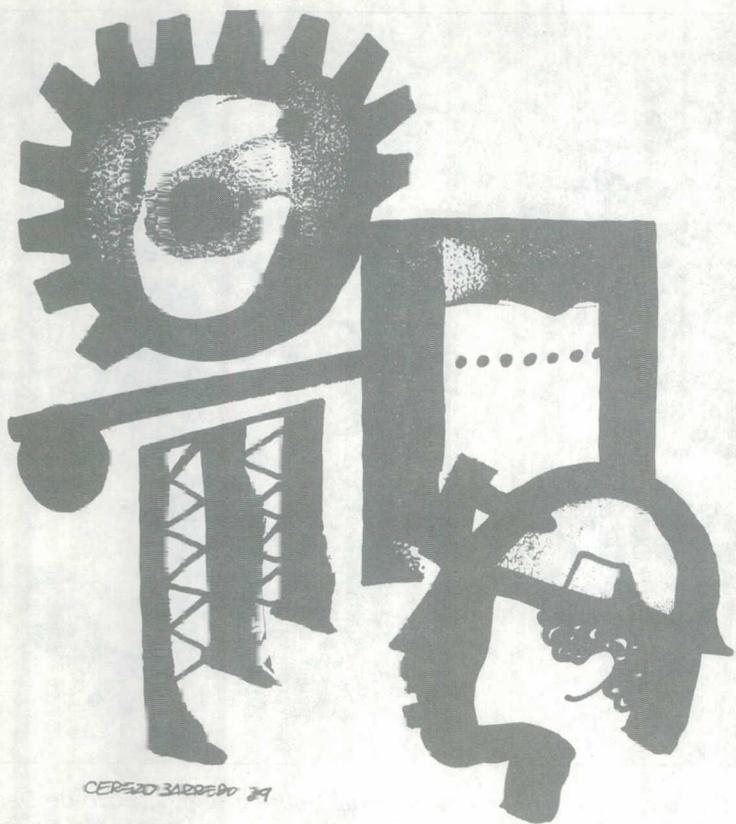
3) Estamos vivendo um momento difícil na Igreja. São muitas as dificuldades na caminhada da Igreja dos pobres e um encontro como este provoca muito ânimo, muita alegria e as pessoas percebem que não estão sozinhas nessa caminhada; a presença foi de quase cem bispos, alguns não puderam vir mas queriam estar juntos. Isto mostra que a Igreja dos pobres é uma Igreja com seus bispos, agentes pastorais, teólogos, pessoal da base, enfim, uma Igreja completa. Não é uma Igreja que se sente pequena, desamparada; é uma Igreja de Jesus Cristo e da maneira que Deus quer. Que ela seja a Igreja dos pequenos, dos pobres, com aqueles que têm obrigação de acompanhar as ovelhas, irem onde elas

vão e dar alimento. Este encontro marca um momento muito importante pela presença de 225 dioceses, 90% das dioceses brasileiras mandaram seus delegados, o que é uma presença forte de bispos do Brasil e de alguns países da América Latina.

4. Paulo Roberto

(Jovem da Igreja Evangélica Metodista do Rio de Janeiro, RJ)

Primeiro, minha alegria de estar como evangélico participando de um encontro que é coordenado pela Igreja Católica. Estou me sentindo muito próximo dos católicos, sentindo que somos irmãos e que temos que trabalhar neste mesmo caminho em direção ao Reino. Minhas expectativas em relação a este encontro foram superadas porque eu vinha esperando uma participação como evangélico, como observador, mas senti que o interesse dos católicos é muito grande e até falta-lhes um pouco de conhecimento a respeito das igrejas dos protestantes. Alegro-me por ter passado algumas informações a respeito das igrejas evangélicas e por estabelecermos estratégias de trabalho em comum.



5. Paulo Suess

(Sacerdote diocesano, doutor e professor de Teologia fundamental, diretor de pós-graduação de Missionologia na FAI, SP, e assessor teológico do CIMI — Centro Indigenista Missionário)

Minha primeira impressão é a articulação latino-americana. Acho muito importante o encontro porque os problemas brasileiros e latino-americanos são problemas do Terceiro Mundo. Nós estamos aqui um pouco inseridos com os índios por eles não estarem propriamente dentro das Comunidades Eclesiais de Base. Se não tivessem sido destruídas suas aldeias, sua cultura e suas condições de vida seriam autênticas CEBs. Está presente neste encontro um grupo de índios em busca de melhor relacionamento com a sociedade nacional, querendo trazer os seus problemas também para essa consciência eclesial de base.

Mesmo na Igreja, o índio nem sempre é comprometido na sua diferença e no seu caminhar específicos, unindo seus problemas em torno da terra, da cultura e de seu próprio caminho dentro da sociedade, caminho esse diferenciado, porém que vai em conjunto com os lavradores, operários e todas as frentes de pastoral.

Do ponto de vista da Missionologia, estou muito feliz em ver todos estes campos de fronteira, problemas das grandes cidades, dos operários, dos índios e dos negros. Assim assumidos pelas bases e buscando uma solução que só pode vir das bases, da articulação, da organização das bases e da participação da política, de mudanças substanciais na política. Estas mudanças só podem vir através da solidariedade ampla dentro deste sistema que queremos mudar para um democracia participativa, onde a voz do povo vale mais que a voz do capital.

6. Carlos Mesters

(Sacerdote dos Carmelitas Descalços, biblista, professor de Sagrada Escritura)

O clima foi de muita alegria e fraternidade. E quase, diria, de luta e festa, porque em todo este ambiente de festa e alegria em momento nenhum o povo esquece de ir à luta.

Está sendo uma celebração da luta do povo por uma fraternidade maior. Temos que nos engajar e sobre isto não se tem mais dúvida.

Pontos que eu destacaria:

1) O aspecto latino-americano. O

Brasil está descobrindo que a América Latina é maior do que o Brasil, e isto é muito importante.

2. A presença do índio e do negro, fato fortemente acentuado.

Negros e índios sempre estiveram nos encontros mas este é o primeiro encontro em que este aspecto é ressaltado com tanta insistência, pela presença de suas culturas massacradas.

3) O aspecto ecumênico. Em síntese, o encontro caracterizou-se pela abertura continental, abertura ecumênica e abertura racial.

Quanto às esperanças e expectativas, eu penso:

a) São de ajudar a todos a insistirem mais na memória dos povos, a recuperarem as culturas perdidas, massacradas, e os costumes antigos, que no fundo é recuperar a identidade;

b) promover maior união entre os vários grupos de negros, índios, lavradores e operários;

c) melhorar a organização e também dar um aprofundamento maior da fé, a fé do povo no Deus vivo e libertador.

7. Antônio Aparecido

(Sacerdote orionita, professor de pós-graduação de Missionologia e diretor da Faculdade de Teologia da FAI, SP)

O clima deste 7.º Encontro Intereclesial de CEBs foi correspondente ao dos seis encontros anteriores, porém multiplicado, porque naturalmente este tem sido o encontro que está tendo maior número de delegados.

A América Latina está vivendo um momento difícil; aqueles países que já tiveram eleições nas trouxeram resultados que a população esperava, e é isso também que se projeta para o Brasil. Os horizontes não são serenos. Mesmo assim, as pessoas que vêm das comunidades são muito consciente desta realidade; elas têm "os pés no chão". Os problemas, como a dívida externa, que perpassam toda a América Latina, tornam-na unida no sofrimento, porque os problemas são comuns. De outro lado, esses delegados trazem a esperança e a alegria, que brotam da fé, que é a característica marcante das Comunidades Eclesiais de Base.

Ressaltaria:

1) Este encontro é latino-americano (consciência da latinidade), que já é uma conquista. Isto para nós, no Brasil, é muito importante, porque toda a formação que o povo brasileiro teve foi uma formação que dificultou o sentimento latino-americano. Hoje esse sentimento nasce das bases do povo e se multiplica no meio de seus filhos e dos jovens.

2) A presença dos bispos neste encontro — um terço dos bispos da Conferência Episcopal Brasileira — é extremamente significativa. Portanto, não se pode dizer mais que as CEBs são uma parte da Igreja no Brasil; elas representam efetivamente a Igreja no Brasil. Os setores que não aceitam as Comunidades Eclesiais de Base, eles sim, são uma parte da Igreja. Queria ressaltar ainda a ênfase que este encontro está dando à questão indígena e à questão negra.

8. José Maria Pires

(Arcebispo de João Pessoa, PB)

Vejo com muita alegria este 7.º Encontro Intereclesial, que é uma verdadeira vitória do povo de Deus nesta caminhada. O que mais me faz admirar neste encontro é o espírito de comunhão que existe. Estamos aqui todos bem unidos, pessoas, representantes das comunidades do Brasil, da América Latina e também os irmãos da Igreja Evangélica, numa verdadeira irmandade. Eu espero como fruto deste encontro um maior crescimento na união e na organização para que possamos dar maiores passos rumo à verdadeira libertação.

9. Clodovis Boff

(Sacerdote dos Servos de Maria e professor de Teologia dogmática em Petrópolis, RJ)

Primeira impressão: um clima de entusiasmo, de muita celebração, muita alegria, relacionamento fraterno, efusão emocional e, sobretudo, espiritual.

Um encontro dos mais celebrativos, mais simbolizados e mais vivenciados do ponto de vista da expressão dos sentimentos. Em segundo lugar, é um clima de partilha da palavra, das experiências, das lutas, das esperanças, dos temores. Há um exercício de democracia de base popular muito intenso, muito vivo, res-

peitoso; parece um pouco anárquico, mas é assim mesmo que o povo trabalha, é assim mesmo que o povo anda, caminha, avança.

Destques importantes:

1) Dimensão latino-americana. É a primeira vez que os latinos-americanos estão presentes de maneira tão intensa, tão viva, tão perceptiva, com bandeirinhas, intervindo nos grupos de trabalho. Enfim, é o comparecimento significativo do horizonte latino-americano: Nicarágua, Panamá, Guatemala, Chile e Cuba, presenças muito queridas e acolhedoras.

2) Dimensão do ecumenismo. Os irmãos das outras Igrejas não estão aqui como convidados, mas como membros vivos, participando juntos com os católicos.

3) Dimensão da espiritualidade. Há uma fé muito profunda. A expectativa é de que haja um compromisso partidário cada vez maior.

10. Pedro Casaldáliga

(Bispo de São Félix do Araguaia, MT e missionário claretiano)

É importante destacar que é um encontro tipicamente latino-americano. Gostaria ainda de corrigir: "latino-americano e caribenho". É a pátria grande toda que se acha presente a este encontro, preparando muito significativa e simultaneamente a celebração — crítica, por um lado e de ação de graças, por outro —, a rejeição e o compromisso dos seus 500 anos de descobrimento. Em segundo lugar, estou sentindo que se está dando muito valor à cultura e à inte-

gração, em detrimento da fé e da política como cultura e comunidade, povo e Igreja. Um clima forte de celebração, verdejante e colorido. Por isso, os Encontros Intereclesiais deviam ser fundamentalmente de celebração, visto que o povo precisa, o povo quer celebração. Tenho a impressão de que as primeiras reuniões do gênero formavam um pouco o batismo. Trindade foi um pouco a primeira Eucaristia. Sinto que este 7.º Encontro está sendo a confirmação dos intereclesiais das CEBs. Devemos nos preparar, toda a pátria grande — cristã, evangélica, eclesial —, para celebrar de modo lúcido e comprometedor o quingentésimo ano do mal chamado descobrimento e de evangelização, que deve ser nova para que seja autenticamente evangélica. A Boa Nova, a nova Boa Nova da plena libertação.

11. Cláudio Veressa

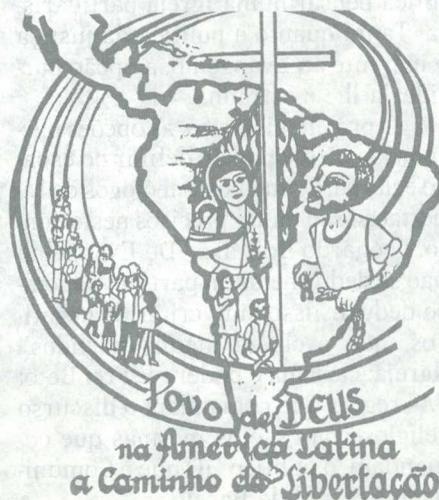
(Deputado estadual do Espírito Santo)

Em primeiro lugar, impressionou-me o grande entusiasmo entre os participantes. É o fortalecimento do nosso compromisso na luta do povo pelo Reino de Deus. Acredito ser importante esse momento porque, mesmo em clima de celebração e de festa, questiona-se a organização das CEBs e se analisam os problemas da Igreja.

Temas em destaque:

1) América Latina. A maioria dos brasileiros não se considera parte da América Latina. Há uma separação cultural, histórica que entre os participantes do 7.º Encontro deixou de existir. Essa experiência foi importante para mim e, espero, para todos.

2) A discussão sobre a ligação entre fé e política (sindical, partidária, popular). Os cristãos estão aprofundando sua fé, orando e celebrando sua vida; este é um ponto novo que foi abordado e necessita ser aprofundado. Outra questão importante é como dar seguimento aos trabalhos das CEBs, numa conjuntura eclesial difícil onde achamos que a Igreja Católica, no mundo inteiro, dá alguns "passos para trás". A expectativa é a continuidade da interligação, inclusive ecumênica, entre os povos da América Latina.



SALVE-SE QUEM PUDE!

Pe. Isidoro De Nadai, cmf,

Ouçõ com certa freqüência a observação de que sou um padre político. Eu mentiria, se dissesse que nunca fico aborrecido com tal observação. Por vezes, fico sim. Mas o sentimento que sempre me assalta, nesses momentos, é o de desencanto.

Fico aborrecido, quando percebo que, ao chamar-me de político, imagino enquadrar-me na categoria de político partidário, de político ligado a interesses miúdos e até pessoais. Desse tipo de política, pessoalmente, não gosto. Não gosto porque não a vejo normalmente exercida tendo em vista o bem comum, e não gosto também porque prezo demais a liberdade de filho de Deus, para me prender a estruturas e interesses de partidos.

O desencanto, contudo, me assalta sempre porque percebo, na observação, que não estamos sendo capazes de entender que o Evangelho tem necessariamente implicações sóciopolíticas. Sabemos que a essência do Evangelho está na prática do amor. Ora, o amor está de tal maneira implicado nas relações sociais, que é falso quando não as tem em conta. Pois bem, as relações sociais são eminentemente políticas.

Não lhes parece, de fato, que estaríamos praticando mal a caridade com os nossos irmãos mais carentes e, ao mesmo tempo que lhes levamos ajuda, votássemos em candidatos e partidos que os vão conservar na opressão e na marginalização?

Ser-lhes-ia possível acreditar que tenho realmente caridade se, tendo alguma influência junto ao Prefeito e junto à Administração Regional, não a usasse para levá-los a tudo fazer para sanear os córregos e os becos de nossa Vila e de nossos Bairros?

Na realidade, aquele que afirma não querer nem sequer ouvir de política, está fazendo a pior das políticas, que é a política da alienação, da omis-

são, do descompromisso com os irmãos, a política do "salve-se quem puder". Naturalmente, vão-se salvar os aproveitadores, os corruptos, e vão-se danar os pequenos e humildes, exatamente aqueles que Deus mais ama e quer que mais amemos.

A mensagem da Igreja é muito clara a este respeito. Vejamos, senão, o que nos diz o documento sobre a "Evangelificação no Mundo Contemporâneo": "A evangelificação é incompleta, quando não traz a uma mensagem explícita sobre a vida comum na sociedade; sobre a paz, a justiça e o desenvolvimento; uma mensagem muito vigorosa, hoje, sobre a libertação". E continua: "Entre evangelificação e promoção humana existem laços profundos de ordem antropológica, de ordem teológica, de ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade" (n.ºs. 29 e 31).

Como se percebe, uma igreja a política, uma Igreja que apenas rezasse, não seria a verdadeira Igreja de Cristo, como não o seria também, é claro, uma Igreja que apenas fizesse militância política.

Notem bem que afirmar uma Igreja comprometida com a justiça não significa pensar numa Igreja partidarista. Tanto quanto a política da justiça é inerente ao Evangelho, a opção partidária lhe é estranha.

O projeto histórico, as opções partidárias não se podem definir no espaço eclesial. Os melhores teólogos da Libertação são muito precisos neste ponto. Leonardo Boff diz: "Do Evangelho não se deduz nenhum partido; pode-se deduzir, isso sim, critérios negativos, que excluem alguns partidos" (Igreja: carisma e poder). E Frei Beto: "As regras que comandam o discurso religioso não são as mesmas que comandam, o político" (O que é Comunidade Eclesial de Base).

*Já me decidi...
Vou ser IRMÃ
CANISIANA*



Para me consagrar a Deus no "SERVIÇO À PALAVRA DE DEUS", que leva o homem a uma realidade mais humana e menos injusta.

Para tomar a defesa dos pobres, dos que necessitam ser evangelificados, vou trabalhar na evangelificação: catequese, missões, paróquias, livrarias e colégios.

SERVIÇO SOCIAL:
creches, cursos semi-profissionalizar tes e com famílias carentes

E você, também pensa como essa jovem?

Venha conosco porque ela já é uma das nossas.

**SECRETARIADO
VOCACIONAL**

Irmãs de São Pedro
Canísio

Cx. Postal 12

12.570 - Aparecida - SP

Maria Domingas: Da burguesia à feminilidade pioneira

José Carlos Salvagni

Homem e mulher têm, juntos, um desafio descomunal a vencer no futuro, se quiserem ser felizes, se se realizarem como seres humanos, se dedicarem mais tempo, vida e condições para desfrutar as conquistas tecnológicas e para conhecer os segredos do universo. Trata-se de superar a ordem do mundo e a relação individualista entre as pessoas baseadas na ótica e nos interesses do mercador, do burguês.

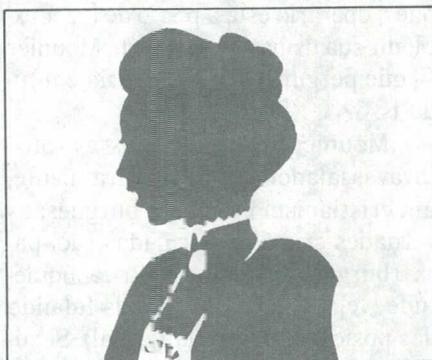
Esse desafio é tão difícil, que resistiu a grandes guerras mundiais, guerras coloniais, campanhas imperialistas, revoluções socialistas.

Nesse sentido, é boa contribuição resgatar trajetórias de homens e mulheres que conseguiram superar as barreiras da ótica burguesa, dedicando-se ao resgate do homem e da mulher enquanto imagem e semelhança de Deus. Uma dessas pessoas, uma viúva, teve seu bicentenário de nascimento comemorado em 17 de janeiro deste ano: nasceu, portanto, apenas alguns meses antes da eclosão da grande revolução burguesa na França. Ela própria era uma burguesa e dirigiu os negócios de sua família até o fim da vida.

Ao morrer, Maria Domingas Brum Barbantini, contudo, não era mais uma burguesa, no sentido negativo do termo, do rico que se deixa dominar pelo próprio dinheiro e só pensa no luxo, cometendo os maiores descalabros, com hipocrisia e ambivalência, para salvar as aparências. A vida de Maria Domingas tem alguns referenciais interessantes para a luta da mulher e para o futuro.

Esse pobre rico chamado "burguês"

— Você sabe: quem de fato foi o grande vencedor da Revolução Francesa foi o burguês; o mercador já era se-



nhor das formas, de boa parte dos meios de produção, das finanças, das regras (Direito) e se tornou com a Revolução Francesa o dono absoluto do aparelho do Estado. É difícil vê-lo em cena, porque a cena é difusa; vez por outra se vê um ministro ou um rei que dão um pouco de rosto.

Mas não é tão simples assim. Não se trata apenas do comerciante, do industrial, do banqueiro. Trata-se também de quem adota sua lógica, sua maneira de organizar o mundo, de circular a produção, de distribuir a riqueza, de conhecer o homem, a religião, a vida, a felicidade. Aí entram o juiz, o deputado, o governante, o pobre que pensa como rico, o religioso que confunde as coisas e se deixa levar, consciente ou inconscientemente, como instrumento.

Tenho a impressão de que os antigos fenícios, se pudessem ter dado um salto no futuro e "espiado" o tempo, teriam tido inveja do burguês — eles que eram os mestres da arte da troca, do comércio. De fato, desde seu início, pouco antes do ano 1000, o burguês logo dominou dois pontos-chaves da vida moderna e contemporânea: Direito e Finanças. Tornou-se empresário, burocrata, militar⁽¹⁾. Sua influência foi se tornando tão envolvente que nós mesmos (a começar por este redator, naturalmente) somos parte do rosto desse personagem, expressando, de al-

guma forma, seus valores, contradições, ambivalências, hipocrisias e — por que não? — méritos também.

Temos uma forma de vida, um jeito de ver as coisas, de julgar pessoas e situações, de definir o que é "certo" e "errado", o que é "fiel" ou "herético" que freqüentemente obedece à lógica do mercador. Barganhamos tudo: nosso afeto, nossos ideais, nossas próprias relações em família, nossas definições, até nossa relação íntima com Deus não raro vira troca. Tudo é um grande comércio, status, competição permanente, preocupação com as aparências, jogo de conveniências, vontade de "levar vantagem" em tudo. Somos "amigos" de quem tem dinheiro, poder e influência e, no máximo, simples "conhecidos" dos demais.

Religião, para acalmar o povo

— É tão avassaladora essa influência que nos é quase impossível conceber um jeito diferente de sociedade, onde haja, naturalmente a troca, o comércio, mas onde a relação entre as pessoas obedeça a outras regras. Esse é o desafio para o futuro.

Um grande escritor católico francês, Emmanuel Mounier, que viveu a 1.^a e a 2.^a Guerra Mundial (guerras por mercados, guerras econômicas) denunciou o quanto pôde esse domínio avassalador da lógica do burguês na vida das nações e das pessoas, principalmente.

Não deixava de apontar virtudes, méritos. Mas observou que, com a Revolução Francesa de 1789, o mal burguês, nascido de uma classe, atingiu toda a sociedade, instaurando o individualismo, a enorme miséria espiritual, a "tranqüilidade dos satisfeitos", a estreiteza de seus pensamentos, a mes-

quinharia de seus projetos, sua separação da transcendência desprezando o espiritual, aferrando-se à “segurança” e enchendo-se de privilégios, gozando dos bens que outros armazenaram.

Religião? O burguês é um ser de conveniências. Na época da grande Revolução, em que a Igreja estava sendo (justamente) questionada, o burguês, segundo Mounier, encontrou sua nova religião nos escritos de Voltaire, um deus arquitetos de mundos, que garantia ao burguês o progresso indefinido, o conforto e a garantia contra o risco. Mas, ao surgirem as primeiras perturbações populares, o burguês perde a cabeça, tem medo, volta a ir à missa, esquece o deus arquiteto e volta ao Deus intendente, para manter a ordem entre os escalões sociais, sugerindo aos mais inquietos a moderação e a resignação. A Igreja era um excelente instrumento para isso.

O burguês, acentuava Mounier, é aquele que se separa dos homens, que faz sua “salvação” sozinho, pois o sucesso individual é que conta. A moral, que tanto defende, se reduz à aquisição puramente individual de “segurança”. O homem acaba sendo um nada para o homem e o lugar das virtudes é ocupado pela reivindicação, pela avareza, a indiferença para com o outro, a ferocidade sorridente, o egoísmo social. O dinheiro, como se sabe, separa os homens, exclui toda a gratuidade, comercializa toda a comunicação humana. O amor desesperado da tranquilidade gera o ensimesmamento, enrijece o coração dos homens.

Assim, por ter perdido o senso de Ser, o burguês perdeu o amor, dedicando-se à felicidade medíocre, à tranquilidade a todo o custo, como um ser de seguros e de seguranças, que quer apenas mais e mais bem-estar.

Para esse tipo de ser, a religião tem por função assegurar a ordem social, acalmar as reivindicações do povo. Ordem, segundo Mounier, porque o burguês é precisamente um ser moral: substituiu a caridade pela ordem. O amor para ele é um código de tranquilidade social. Ele é a ausência da renúncia, da partilha, do desapareço; é o

conservador que tem medo dos acontecimentos que incomodam sua tranquilidade.

Assim ontem, na época da Revolução Francesa, o burguês estava com o povo contra a religião, porque esta poderia desbaratar o seu comércio; hoje, está com a religião contra o povo, porque o operário está a ponto de fazer explodir sua usina — pinta forte Mounier — que pergunta: “E o Calvário em tudo isso?”.

Mounier mostrou que esse espírito avassalador gerou, naturalmente, um cristianismo também burguês: as verdades cristãs deformadas são, para o burguês, barreiras contra a inquietude (veja os grandes jornais falando das posições sociais da Igreja!). Segurança, economia, imobilidade social substituíram a fé, a esperança e a caridade; um cristianismo sem vida, prisioneiro do conservadorismo, imobilizado em seu moralismo.

Lamentavelmente, notava Mounier, o tempo burguês se infiltra em nossa vida interior, instilando-nos mediocridade, avareza, dureza de classe, medo, medo, medo, e uma completa falta de inteligência da história⁽²⁾.

Evidentemente, é bom fazer o balanço do positivo e do negativo. E não cair também no simplismo de se acomodar ao negativo só porque há um lado positivo. É evidente que a Revolução Francesa e o Iluminismo foram importantes e contribuíram. Mas há resultantes negativas, que não se podem ignorar⁽³⁾. A contribuição do modo de ser burguês e do liberalismo à ciência, ao pensamento, o desbravar novos rumos e o enfrentar tiranias leigas ou religiosas, a própria noção, creio, de “foro íntimo”, tão importante, é inegável.

Também estamos na América porque os burgueses do passado financiaram expedições marítimas, desde a Dinastia de Avis, em Portugal. Mas também é verdade que esse modo de agir burguês praticamente liquidou as civilizações aqui existentes, escravizou a África. E por não se ter corrigido em sua insânia de acumulação a qualquer preço — derrubando as portas das nações refratárias ao seu “livre comércio” oligopólico⁽⁴⁾, esse modo de agir

burguês levou o mundo a guerras de dimensões nunca registradas ou imaginadas, com a 1.^a e 2.^a Guerras Mundiais. Levou-nos à Lua, sim, estimulando inventos e competições, mas também deixou pairando sobre as nossas cabeças sabe-se lá quantas bombas de fantástico poder de destruição. Dá para entender? Dá para aceitar?.

Atuando nos porões da história

— A grande contribuição à humanidade, oferecida pelo trabalho das ordens religiosas — com base no triplo compromisso de castidade, pobreza e obediência — jamais foi avaliada com a justiça que merece. O mundo ficou um pouco melhor por causa dessa contribuição. O antiliberalismo e o antimodernismo da Igreja, contudo, que se seguiram à Reforma Protestante e à Revolução Francesa (já desde a Revolução burguesa Inglesa de 1610), atraíram sobre essas ordens religiosas muito preconceito, campanhas, atos hostis. A lealdade das ordens religiosas a essa postura conservadora da Igreja, mal-humorada diante do tempo, negativa, engajou-as em posturas políticas antipáticas. É bom indagar, com honestidade, a fundo, porque quase todas as revoluções liberais e socialistas do mundo tiveram atitudes hostis contra a Igreja e suas ordens religiosas. Resistência da Igreja, em razão de princípios, ou pessimismo histórico, simplismo, defesa de um espaço de poder?

Mas é surpreendente também ver como se multiplicaram essas ordens religiosas e como milhares de personalidades fantásticas se puseram a colocar a mão na massa, assumindo tarefas de resgate das massas humanas colocadas no porão da história, justamente as que mais precisavam de médico, como Cristo dizia: imigrantes, prostitutas, doentes, cegos, analfabetos. Para citar só algumas dessas tarefas, além da clássica, de evangelizar.

Nesse sentido, o enfoque particular dado neste artigo, à fundadora da Congregação das Irmãs Camilianas, tem uma dupla finalidade: homenagear

gear o trabalho das ordens religiosas, e destacar um aspecto particular em que ela se destacou com pioneirismo: a solidariedade à mulher.

A burguesa que descobriu a mulher

— Quando Maria Domingas Brum Barbantini morreu, em 22 de maio de 1868, aos 79 anos (57 de viúva), morria alguém que tinha conseguido romper o casulo burguês, recuperado a própria humanidade, transcendido; tinha-se santificado no mundo, negociando, trabalhando, enfrentando dificuldades e dedicando-se ao ser humano.

Seu exemplo é de perfeita atualidade por duas razões: por ter conseguido superar os limites burgueses de sua formação e do seu meio (pesado desafio que temos para o futuro); e porque há mais de 170 anos descobriu a mulher, fez da dedicação à sua saúde uma opção que só é mesmo bem entendida hoje, quando a mulher já não receia falar publicamente sobre seus problemas, sobre os cuidados necessários, da necessidade de solidariedade, em campanhas na própria TV.

Há pessoas — disse-me uma vez o franciscano Frei Lency Smaniotto — que fazem do Evangelho uma Luz para cegar os homens: são os fanáticos, os espertos, os manipuladores, os cultuadores da letra. A “indústria da fé”, que se vê proliferando rápido em todo lugar e agredindo até outras religiões, é um bom exemplo disso, sem esquecer também certo “integrista” insensato. Mas há outras pessoas que usam a Luz para iluminar os caminhos, diminuir suas angústias humanas, orientar as perplexidades: são os sábios, os santos, os mestres de todas as religiões. Maria Domingas usou bem a Luz.

A opção inicial de Maria Domingas foi pelo atendimento à mulher enferma, na sua própria residência; em geral se tratava do pobre, que não tinha condições de deixar a família e ir aos hospitais, ou sem dinheiro para tanto, e enfraquecidas depois de muitos filhos. Além de atender a outros enfermos.

Tendo perdido o pai aos 12 anos e 3 irmãos ainda jovens, ela sentiu profundamente o que era doença e morte em família. Casou-se “bem” com Salvador Barbantini, um homem de negócios, aos 22 anos, mas ficou viúva 5 meses depois, concebendo um filho do matrimônio. Driblando propostas de casamento, passou a se dedicar ao filho, a administrar os negócios do marido e a se envolver cada vez mais em atividades sociais. Às expensas de seu patrimônio, por exemplo, construiu 2 colégios-conventos para moças: um para educação de jovens burguesas (aos cuidados das religiosas salesianas), outro para educação de jovens operárias (aos cuidados das religiosas dorotéias). Incumbida pelo bispo, entre outras atividades, recuperou uma Congregação religiosa em decadência.

Esse patrimônio se dissolveria no fim de sua vida quando, depois de muita luta com o Governo, pôde doá-lo à Congregação sua menina-dos-olhos: a Sociedade das Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo. Até lá, foi uma administradora competente, embora nem sempre diretamente envolvida. Conduziu também, com tirocínio, as próprias (e chatíssimas) partilhas familiares. Houve-se muito bem nessas controvérsias.

Mas a orientação fundamental de sua vida, para os enfermos, particularmente as mulheres, se deu quando um dia, ao andar pela rua, num bairro próximo, soube de uma velha senhora que estava morrendo, abandonada num sótão. Decidiu subir e se comoveu com a cena. Família pobre, sótão imundo, a própria doente em pouca higiene, Maria Domingas passou a noite prestando serviços à mulher; pegou roupas em casa e continuou atendendo por alguns dias. A velha senhora, naturalmente surpresa e comovida com a inesperada atenção de uma desconhecida e rica, morreu extremamente feliz e serena dias depois.

Maria Domingas, por sua vez, descobriu ali profundamente o que era ser mulher pobre, mãe de tantos filhos; a falta que fazia; os transtornos familiares da morte da mãe ou sua viuvez. E decidiu passar a fazer esse atendi-

to com mais frequência, a outras doentes de que tivesse notícias, moribundas, órfãos. Ia de lanterna, de madrugada, depois que seus familiares haviam ido dormir e, não raro, passou constrangimentos, uma vez que só prostitutas aventuravam-se à rua de madrugada. Foi de comentários, naturalmente, também porque prostitutas eram mulheres e mães, a quem atendia.

Em 1819 ela perde o filho, com 8 anos. Abatida, mantém o trabalho e cria o primeiro grupo de enfermeiras leigas, 7 ao todo. Era a Pia União das Irmãs de Caridade, sob proteção de N.Sra. das Dores. Dez anos depois começava a Comunidade das Irmãs Oblatas Enfermeiras, 250 anos depois da conversão de S. Camilo de Lellis, o santo dos doentes. Com o tempo a congregação passou a se denominar Sociedade S. Camilo das Irmãs Ministras dos Enfermos. Os votos e as constituições definitivas vieram em 15 de agosto de 1841.

Maria Domingas lembrava que as primeiras companheiras de atendimento eram também doentes: uma cancerosa, outra tuberculosa, que agüentaram as atividades com entusiasmo, enquanto puderam. “Duas boas pedras da Construção”, como as chamava.

“Paciente Terminal” x Moribundo

— Na medida em que crescia, a congregação tinha de se desdobrar em outros tipos de atendimentos, como doenças e calamidades.

No caso do Brasil, atendimentos a enfermos, idosos, pobres e órfãos em hospitais, asilos, postos de saúde e outras obras.

Outro aspecto extremamente atual da orientação de Maria Domingas é que a ação da enfermagem não devia ser apenas curativa e terapêutica, voltada a resolver os problemas de saúde do momento, mas, na medida do possível, devia ser também uma opção promocional de toda a pessoa, ajudando os marginalizados a passarem a si-

tuações mais humanas de vida, com educação, emancipação e evangelização.

De fato, uma grande discussão que hoje se começa a fazer é quanto à morte e ao morrer e o papel do profissional da saúde nisso. Ser tratado como "paciente terminal", como "baixa", como "óbito", sem nome, com tanta assepsia emocional e frieza não faz do hospital moderno um espaço humano como deveria ser, afora um sem número de outros problemas.

Em documento recente, as irmãs camilianas mostram que a profissionalização dos hospitais não as deixou sem trabalho. Dizem que seu carisma é o serviço ao enfermo, com opção preferencial pelo mais pobre e marginalizado, sem acesso às instituições de saúde. A atualidade, urgência e modos da presença e de atuação das irmãs camilianas no mundo da saúde é bem significativa nos quadros de carências no campo de saúde, no país e no Terceiro Mundo.

Não buscam oferecer uma assistência especializada, acessível a poucos, mas que alcance o maior número possível de doentes, atuando em instituições e programas de saúde de base, onde seja valorizada a medicina ou saúde popular, sem abandonar a medicina curativa, buscando um estilo cristão de assistência aos doentes. E assinala que, lamentavelmente, há na saúde uma "indústria e comercialização do enfermo" que dificulta o trabalho.

"Saia do claustro!"

Maria Domingas descobria seu profundo senso místico, trabalhando suas intuições, dando determinação a projetos. Num pequeno relato às Irmãs, Maria Domingas mostra um pouco da alma burguesa que lhe dificultava a liberdade de doação de si: "Havia-me despojado de tudo aquilo que para uma jovem mulher poderia fomentar a vaidade. Contudo, eu era bastante vaidosa, pois comprazia-me com os elogios que me eram feitos e sentia como que uma ofensa quando percebia que

não era admirada. O pouco bem que fazia queria que fosse escondido para não ser exposta ao ridículo. As visitas às enfermas pobres eu queria que fossem secretas, e por que isto? Pelos malditos respeitos humanos, por pouco senso, ou antes, por pouco amor a Deus, e muito adversa às mortificações".

O relato é cheio de indicações de batalhas junto ao Governo, a religiosos e a pessoas para realizar obras; batalhas enervantes que pareciam acabadas e que recomeçam. Os burgueses não eram tão solidários...

O relato, além de referências bem-humoradas a mexericos, tem também, confidências surpreendentes como depoimentos sobre perturbações do próprio demônio à comunidade, vistas por toda ou quase toda a comunidade. E confissões bem próprias a místicos, intuições interiores. O aviso, por exemplo, de que perderia o filho: "Tu não terás mais filho... e então poderás efetivamente cooperar na obra de Deus...". Ou a intuição interior, logo após fazer um apelo angustiado a N.Sra., por uma Irmã moribunda, cujo quadro clínico se reverteu: "Vai... seja feito o quanto pediste". Ou então a resposta idêntica que colheu de duas fontes distintas sobre se devia ficar num claustro que ajudara a formar em apoio aos enfermos ou sair definitivamente. Tinha um papel importante, era muito querida no claustro. Mas temia burguesice. Um padre, consultado por carta em seu leito de morte, com o médico lhe dando poucas horas, pediu três dias e respondeu: "Dizei a Barbantini que deixe o mais rápido que puder o claustro, forme uma união de irmãs enfermeiras e se ocupe exclusivamente do alívio e conforto dos doentes pobres; esta é a vontade de Deus".

Depois, um confessor novo — a quem ela resistia se confessar — lhe revelou, ao saber seu nome, que por várias missas sentia perturbações na mente, apelando a Deus, na congregação, para que o iluminasse. Ouvia: "Dirás a Barbantini que saia do claustro e me sirva na pessoa dos enfermos pobres".

Uma burguesa que se superou, que

superou a preocupação burguesa com a fé, a esperança e a caridade; que se tornou santa no mundo, enfrentando a batalha contra o "mal burguês", da desumanidade, da hipocrisia, do descartável em tudo, do amor garantido em banco; que enfrentou os preconceitos e absurdos do "senso comum", que normalmente passam por verdades; uma mística que ensinou um caminho simples e direto para Deus, sem receio da intuição, que não é privilégio de ninguém, e que deixou a grande lição da gratuidade, da grandeza do bom samaritano.

Hoje os doentes têm à sua disposição a medicina social pública ou privada, com grandes recursos. Mas mulheres como Maria Domingas continuam fazendo falta nos hospitais, nas casas, casebres, favelas, cortiços, onde há doentes abandonadas, quadros de miséria como os do passado onde campeiam a AIDS, a solidão urbana, a falta de motivação para o futuro, a morte "asséptica" do moribundo anônimo que se torna "paciente terminal" e "baixa". Há falta de transcendência, de humanidade. Mas também é verdade que muita coisa mudou em hospitais e no atendimento aos doentes por causa de pessoas como Maria Domingas. •

Notas:

- 1) As Origens da Burguesia, Regine Pernoud, Publicações Europa-América, col. Saber, Lisboa, 1949.
O Direito e a Ascensão do Capitalismo, Michael E. Tigar e Madeleine R. Levy, Zahar Editores, Rio, 1978.
Hierarquia e Riqueza na Sociedade Burguesa, Adeline Daumard, Editora Perspectiva, col. História, São Paulo, 1985.
- 2) O Pensamento de Emmanuel Mounier, Candide Moix, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1968, página 72.
- 3) A Derrota do Pensamento, Alain Finkelkraut, Paz e Terra, 1988.
- 4) Reação e Mudança na América Latina, Charles Oglesby e Richard Schaul, Paz e Terra.

Obs.:

As referências sobre Maria Domingas Brum Barbantini constam de publicações das Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo.

COMUNICAÇÃO:

Planejamento, estrutura e coordenação de reuniões

Daniilo Vieiro

A reunião é o instrumento indispensável para qualquer trabalho em grupo. Por meio dela realiza-se comunicação mais rápida e plena do que através de todos os contatos individuais. No entanto, só é eficaz, se feita no momento exato e da maneira correta. Reunir por reunir, apenas para cumprir ato de rotina, esvazia o sentido de reunião e desgasta os participantes. É também o que se pode dizer das reuniões em que a palavra é monopolizada por um ou por poucos, sem participação ativa da maioria. Do mesmo modo, não têm sentido as reuniões — por vezes intermináveis — que não conduzem a resultados. Em todos esses casos, perde-se tempo e os participantes ficam desmotivados.

Toda reunião deve ter uma finalidade: dar condições de participação a todos e chegar a conclusões concretas. Para tanto, é preciso que seja planejada, estruturada e bem coordenada.

PLANEJAMENTO

Quer se trate de reuniões periódicas ou extraordinárias, é necessário o planejamento para que sejam produtivas. Convém planejar:

Os objetivos

O que se pretende da reunião? Fazer comunicações? Obter sugestões? Tomar decisões? Programar atividades?

Da determinação clara dos objetivos depende tudo o mais. Sem objetivos definidos é melhor não reunir.

A agenda

É preciso decidir os assuntos que a reunião vai abranger.

Em princípio, não se devem planejar reuniões com muitos assuntos; de preferência, um; no máximo, três. Com muitos assuntos, corre-se o risco de não se tratar devidamente de cada um, pas-



sando-se de um ponto para outro apenas para cumprir a agenda.

Participantes

Quem deve estar presente, de acordo com os temas a serem focalizados?

Decididos os participantes, os mesmos devem ser previamente avisados da reunião e da agenda a ser considerada, para que possam preparar sua participação e não venham a ser surpreendidos, tendo que improvisar. Com isso, ganha-se tempo e evitam-se reuniões demoradas e superficiais.

Métodos

Que métodos e técnicas de exposição e de debate vão ser empregados?

Os métodos e técnicas devem variar de acordo com o tema, a fim de proporcionar maior participação.

Material didático

Deve-se providenciar todo o material e instrumentos necessários — visuais, audiovisuais, etc. Não se esquecendo até do papel e lápis.

Quando os participantes não se conhecem, é importante providenciar para que tenham diante de si o próprio nome escrito de maneira legível para que possam ser facilmente identificados.

Local e horário

A escolha do local e horário adequados tem grande influência.

Prefira-se local tranquilo, suficientemente amplo e confortável, onde os participantes não sejam perturbados ou solicitados por atividades extra-reunião. O horário deve convir a todos, de modo a evitar ausências, atrasos, interrupções ou saídas antecipadas. Não são aconselháveis reuniões longas — mais de duas horas. Quando necessárias, porém, planeje-se intervalo, cafezinho etc. Uma reunião dinâmica, bem coordenada, pode ser curta e produtiva.

Disposição da sala

Deve ser preparada uma disposição que permita a cada participante a visão de todos. Poderá ser em forma circular, em forma de U, ou triangular.

ESTRUTURA

Embora variando segundo a natureza dos grupos e dos assuntos, toda reunião, para funcionar bem, deve ter uma estrutura básica comum, constituída de três partes indispensáveis: abertura, apresentação e análise do assunto e encerramento.



Abertura

É o momento de o coordenador escolhido antes, ou no início da reunião, apresentar os objetivos e a agenda.

Se os participantes não se conhecem, o coordenador deve solicitar que se apresentem. É também a ocasião para ele providenciar quem vai desempenhar as outras funções grupais: alguém para apresentar a síntese, alguém para fazer a avaliação da reunião, ao final, e um cronometrista que poderá ser, também, muito útil; alguém que, sem ser rígido, ajude o grupo a controlar o tempo.

A reunião deve contar, no início, com um instante de "aquecimento", visando criar um clima de descontração, para cada um se sentir à vontade e ter condições de participar: organiza-se uma brincadeira rápida ou "bate-papo" sobre algum assunto informal de interesse comum.

Apresentação e análise do tema

É o corpo da reunião, propriamente. O expositor designado apresenta o assunto da pauta, procurando ser o mais claro, objetivo e sintético possível. Terminada a reunião, passa-se a palavra ao grupo para perguntas, depoimentos e discussão. O coordenador deve sugerir que cada um se pronuncie. Em grupos maiores, em que isto é impossível, podem-se distribuir as pessoas em pequenos grupos de debates, escolhendo-se um relator para cada grupo.

Encerramento

O final da reunião pode constar das seguintes partes:

1. Síntese e conclusão de tudo o que foi visto. Objetiva os resultados da reunião e impede que os mesmos sejam desperdiçados ou indefinidos. Mesmo que não se possa chegar, às vezes, a resultados definitivos, é importante concluir o que se conseguiu de positivo. Se as conclusões incluem tarefas a serem realizadas, definem-se os prazos e as responsabilidades: quem vai fazer, o quê e quando.

2. Avaliação da reunião. Ela atingiu os objetivos propostos? Todos participaram? A atuação de coordenador foi boa? Houve desperdício de tempo? Estes pontos e outros são comentados pelo encarregado da avaliação com a participação do grupo todo.

3. Programação da próxima reunião. Se possível, marca-se a próxima reunião, escolhe-se quem vai coordená-la e qual o assunto a ser abordado.

COORDENAÇÃO

O coordenador é uma peça fundamental para o bom andamento de uma reunião. É ele quem dinamiza, quem estimula a participação de todos, evita dispersões, digressões e tumultos, leva a reunião à consecução dos objetivos, aproveitando todas as contribuições válidas. Deve usar da sensibilidade e da firmeza nos momentos justos, sem incidir em rigidez ou liberalismo excessivos. Ele deve saber estimular, sem pressionar, e cortar sem ferir.

Coordenar é arte que nunca se aprende totalmente. É uma aprendizagem constante que se faz pela experiência, com autocrítica e aceitação das avaliações.

Danilo Vieiro é bacharel em direção de Rádio e Televisão pela Universidade de São Paulo e mestre em comunicação.



EXCURSÕES - SUPER PROMOÇÕES GENESIS

**A MELHOR VIAGEM
PELO MENOR PREÇO**

NORDESTE ESPETACULAR
duas capitais pelo preço da
parte aérea

**DISNEY - EPCOT - MGM
STUDIOS - 13 dias**
3º e 4º passageiros grátis (parte
terrestre)
saídas: janeiro e fevereiro

**CRUZEIROS MARÍTIMOS DE
NATAL E REVEILLON**

**TERRA SANTA, EGITO, GRÉCIA
E TURQUIA 17 dias**
meia pensão incluída
preço da parte terrestre:
US\$ 690,00

COPA ITÁLIA 90
Navio Eurico C - tudo incluído
entre na nossa seleção

**CURSO DE INGLÊS "JUNIOR" NA
INGLATERRA**
saída: 6 de janeiro de 1990

Av. São Luiz, 50, 5º Andar, Conj. 52E
CEP 01046 - TEL.: (011) 257-9511
EMBRATUR 06933-00-41-1 - ABAV 824

A agressividade como uma das formas de sobrevivência



Presentemente temos constatado a evidência de comportamentos agressivos que vêm caracterizando a vida em sociedade. Homens, mulheres e crianças, enfim, a população na sua maioria se vê exposta às condições capazes de desencadear tais comportamentos.

Se tomarmos como ponto de partida o fato de que a vida em sociedade é dificultada por múltiplos fatores concernentes às restrições quanto ao alcance das necessidades básicas — alimentação, abrigo, segurança, lazer, aceitação social — veremos que tais fatores tendem a interferir no ajustamento do indivíduo. Por outro lado, a vida em grandes metrópoles, como por exemplo na cidade de São Paulo, expõe os indivíduos a detritos auditivos, olfativos, visuais que aliados a tantos outros estímulos têm ocasionado problemas de convivência interpessoal à população.

O indivíduo, na maioria das vezes, se encontra à mercê de tais situações, apresentando comportamentos contraditórios e ambíguos, ou seja, irritabilidade, agressividade indiferenciada a qual quer um, entre outros comportamentos.

Temos também que os seres humanos apreendem o comportamento agressivo, a partir de suas experiências vivenciadas no contexto familiar. As culturas e as famílias têm demonstrado, através do tempo, a existência de padrões de agressividade que influenciam os aprendizados adquiridos pelas crianças, estabelecendo condições que ora inibem, ora encorajam tal conduta.

Os estudos desenvolvidos por diversos pesquisadores salientam que deter-

minadas condições sociais — o anonimato, a pobreza — tornam provável o surgimento do comportamento agressivo.

Concordamos com Davidoff, ao afirmar que numa cidade grande há fatores desencadeadores do comportamento agressivo. Dentre eles citam-se:

- 1 — As pessoas dispõem de pouco tempo para cada encontro;
- 2 — As pessoas permitem somente contatos superficiais, selecionando contatos que exijam investimento emocional;
- 3 — O tempo das pessoas é limitado inclusive para os aspectos mais importantes do cotidiano;
- 4 — As pessoas, normalmente, bloqueiam sua receptividade, parecendo frias e inamistosas na interação interpessoal.

Em função do exposto e baseado em estudos e pesquisas que vimos desenvolvendo, salientamos que o comportamento agressivo existente na cidade de São Paulo, além de se caracterizar como uma reação emocional de defesa do indivíduo, vem-se apresentando como uma resposta socialmente aprendida decorrente das ameaças, sendo pois, uma das formas de sobrevivência do homem desenvolvida no convívio com as outras pessoas e com a sociedade de uma maneira geral.

Roberto Kanaane

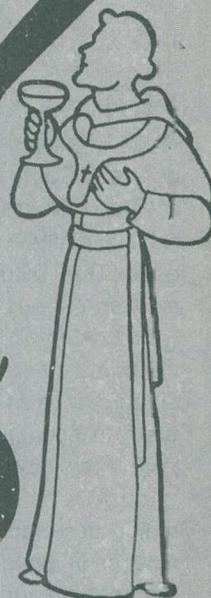
(Roberto Kanaane é psicólogo, pedagogo, mestre em Psicologia Social, doutorando em Psicologia do Escolar junto à Universidade de São Paulo, pesquisador científico, Professor Universitário da Faculdade Paulista de Serviço Social.)

JOVEM:



Você se empolga com o pedido de Jesus: "Pai, que todos sejam um, como Tu estás em mim e eu em Ti"?

E com a proposta de São Norberto (fundador da Ordem Premonstratense): "Minha opção é levar uma vida puramente evangélica, inspirada no modo de viver dos Apóstolos"?



Então, dê sua vida a Deus e a seu povo, COMO OS APÓSTOLOS!

Venha buscar conosco esta ideia, vivendo a comunhão na comunidade e na Igreja!
Nós, padres e irmãos Premonstratenses, procuramos alcançar esta meta através de uma vida de oração e apostolado.

Maiores informações você pode obter escrevendo para:

CENTRO VOCACIONAL SÃO NORBERTO
Caixa Postal 121 - CEP 17200 - Jaú (SP)
Fone: (0146) 22-2721

ou
SEMINÁRIO PREMONSTRATENSE
Rua Nossa Senhora de Fátima, 24
06550 - Pirapora do Bom Jesus (SP)
Fone: (011) 423-4291.

Levando o álcool a sério ou como evitar derrames de petróleo na escola primária

Donald Lazo

Ouve-se, às vezes, a expressão "ganhar a batalha, mas perder a guerra". Contudo, na chamada guerra contra as drogas, até esta pequena consolidação poderá estar fora de alcance, segundo Dick Dillon, diretor da Cox Medical Centers nos EUA.

Uma batalha recente que foi perdida, numa guerra que também está sendo perdida, disse Dick, foi a enorme catástrofe ecológica causada pelo navio petroleiro da Exxon que encalhou na costa do Alaska. Chamada por alguns "o maior desastre ambiental da história americana", pode demorar anos para determinar a magnitude dos danos causados pelo derrame de petróleo no mar. E o custo de limpar a área poderá chegar a ser o menor dos custos a ser pagos, pois estes incluem as perdas aos pescadores da região, para não mencionar as perdas ambientais globais.

E que é que tudo isso tem a ver com o alcoolismo e a guerra contra as drogas? A ligação está na descoberta de que o capitão do navio que estava sendo pilotado, na hora do encalhe, por um membro não-autorizado da tripulação, estava com um nível de álcool no sangue indicativo da embriaguez. O cor-senso foi que a embriaguez do capitão levou ao acidente. *Porém, muito mais importante do que isso, é a revelação de que não foi a primeira vez que o álcool havia causado problemas para aquele capitão.*

Acidentes ligados ao abuso do álcool, embora em escala menor, ocorrem diariamente... nas nossas estradas, em

nossas fábricas e em nossos lares, e até nas nossas escolas. Estes acidentes ferem e matam pessoas, avariam e destroem propriedades, dissolvem lares e separam famílias. Entendam bem: estou me referindo a problemas causados pelo álcool, a droga legal (em ambos os sentidos). Medidas em termos de dólares, o custo destes problemas é tão dramático que, comparado com ele, o derrame do petroleiro Valdez teria de ser considerado uma gota no mar.

Deixe-me tentar tornar o problema das drogas — e depois o problema maior do álcool e do alcoolismo — um pouco mais realístico, já que nas drogas os Estados Unidos vão encontrar, a meu ver, um inimigo muito mais poderoso que todos os países comunistas. E já que as drogas narcóticas começam a ser — e o álcool já o é há muito tempo — um problema seriíssimo no Brasil.

Você sabia que os habitantes da terra gastam mais dinheiro com as drogas ilegais do que com a comida? Mais, aliás, do que gastam com habitação, roupa, educação, cuidados médicos ou qualquer outro produto ou serviço! A indústria internacional de narcóticos é a indústria de maior crescimento do mundo. Sua renda anual ultrapassa meio trilhão de dólares, ou quase dois mil bilhões de cruzados novos. (Um bilhão é mil milhões. Mil bilhões é um milhão de milhões. Estou falando de dois mil bilhões!) São três vezes o valor de toda a moeda que circula nos Estados Unidos. Mais que o produto interno bruto (PIB) de todo país no mundo menos as 6 maiores nações industrializadas. É o que a indústria dos narcóticos rende *por ano*. Para imaginar a imensidão de tal riqueza, considerem o seguinte:

Um milhão de dólares, em ouro, pesaria o que pesa um homem grande. Meio trilhão de dólares, em ouro, pesaria mais que a população inteira de Campinas!

Os lucros da indústria de narcóticos, estocados secretamente em países que estão concorrendo para obter o dinheiro, ganham *juros* em excesso de 3 milhões de dólares *por hora!*

Mas agora vem a pior parte da história. O álcool, aquela droga inofensiva e portanto legal, mata muito mais que todas as drogas ilegais do mundo. E sabem por quê? Porque o álcool é legal. É até uma boa idéia, não é mesmo? É tido mais como um lubrificante social do que como uma droga perigosa. Só que mata mais do que as drogas cujos lucros ganham juros de 3 milhões de dólares por hora. Talvez seja por isso que *uma companhia de bebidas* como a Seagrams tenha uma "reserva para eventualidades" maior do que a reserva do Brasil!

Está na hora de começarmos a levar o álcool a sério; a incluir cursos sobre o alcoolismo nas escolas de medicina, e não só isso mas em *toda* escola primária (como está começando a acontecer nos EUA); a ensinar os medicandos como diagnosticar o alcoolismo e como levar o alcoólatra a aceitar, ao invés de rejeitar, o tratamento de que tanto necessita. E a ensinar as crianças a ter cautela com o álcool. Para que 85% dos que morrem de alcoolismo pelo menos saibam o nome da doença que têm (atualmente, 85% dos alcoólatras morrem sem jamais saber que eram alcoólatras). Para que pessoas, que poderiam ter sido recuperadas há anos, não continuem bebendo e causando todo tipo de problema, sem sequer saber que são alcoólatras. •



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoolismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcoolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

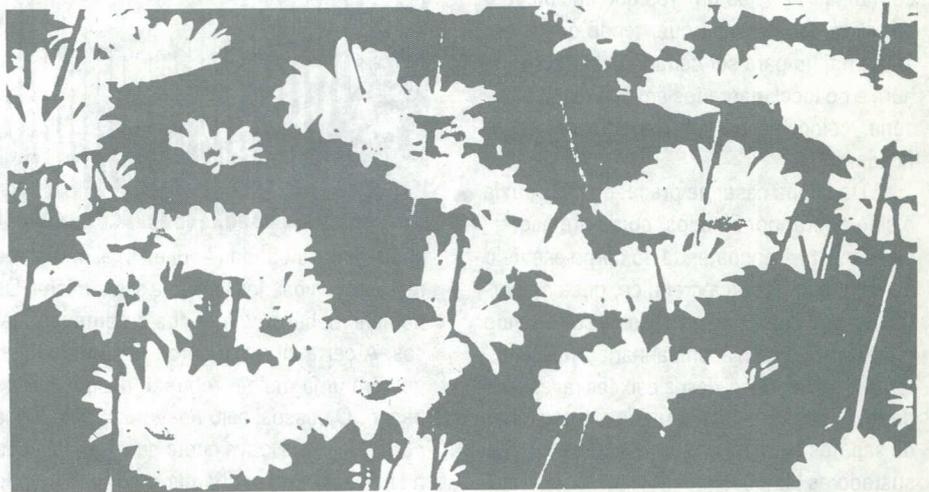
Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

M • A • R • I • A

A PRIMEIRA ENTRE OS PEQUENINOS
SÍMBOLO DO ACOLHIMENTO

José Cristo Rey García Paredes

Nesta página mariana estamos apresentando uma série de 30 meditações; reflexões desenvolvidas a partir da encíclica "Redemptoris Mater" (Mãe do Redentor) do papa João Paulo II. É a espiritualidade mariana que poderá nos ajudar na vivência da fé cristã e na prática da caridade.



Maria e o amor preferencial pelos pobres

"O amor preferencial de Deus pelos pobres está inscrito admiravelmente no *Magnificat* de Maria... Maria está profundamente impregnada pelo espírito dos pobres de Javé, que na oração dos salmos esperavam de Deus sua salvação, pondo nela toda a sua confiança... A Igreja, atendendo ao coração de Maria, à profundidade de sua fé, expressa nas palavras do *Magnificat*, renova cada vez melhor em si a consciência de que não pode separar a verdade sobre Deus... da manifestação de seu amor preferencial pelos pobres e humildes" (RM,37).

Maria anuncia no *Magnificat* a vinda do Messias dos pobres e o Deus que os ama preferencialmente. Por isso, "a Igreja, atendendo ao coração de Maria, à profundidade de sua fé, contida nas palavras do *Magnificat*, renova cada vez melhor em si a consciência de que não se pode separar a verdade sobre Deus que salva, sobre Deus que é fon-

te de todo dom, da manifestação de seu amor preferencial pelos pobres e humildes que, cantado no *Magnificat*, foi em seguida expresso nas palavras e obras de Jesus" (RM, 36).

É importante ressaltar que a encíclica torna claro um aspecto cada vez mais vivo e sentido nas igrejas cristãs, nas quais já se fez uma clara opção pelos pobres. A exemplaridade de Maria sobre a Igreja não pode prescindir desse aspecto, talvez o maior sinal dos tempos: opção preferencial pelos pobres. A devoção a Maria não é completa, se prescindir desse elemento nuclear da verdade sobre Deus e da verdade sobre Maria.

Não está em plena comunhão com Maria aquele ou aquela que não se inserir dentro dessa opção eclesial pelos mais pobres e por sua libertação. "Deve-se salvaguardar cuidadosamente a importância que os pobres e a opção por eles têm na palavra de Deus" (RM,37). "Maria..., ao lado de seu filho, é a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmos. A Igreja deve olhar para ela,

mãe e modelo, para compreender em sua integridade o sentido de sua missão" (RM. 37).

Oração

Pai de todos os homens, nós não o conheceremos adequadamente, se não nos deixarmos impressionar por seu amor preferencial pelos mais pobres, pelos mais doentes e abandonados de seus filhos; não o amaremos, se não sentirmos por eles, como Jesus, um amor preferencial e eficaz. Conceda-nos, pois, por intercessão de Maria, a autora do Magnificat, a audácia necessária para que nosso amor chegue aos nossos irmãos e sejamos para eles instrumentos de seu amor de Pai. Isto lhe pedimos por Jesus Cristo, seu filho e Senhor nosso. Amém.

Tradução: Suely Mendes Brazão

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri).

MORTE E LUTO, EXPERIÊNCIA PESSOAL

Finados remete-me à análise da minha própria experiência da morte e do luto.

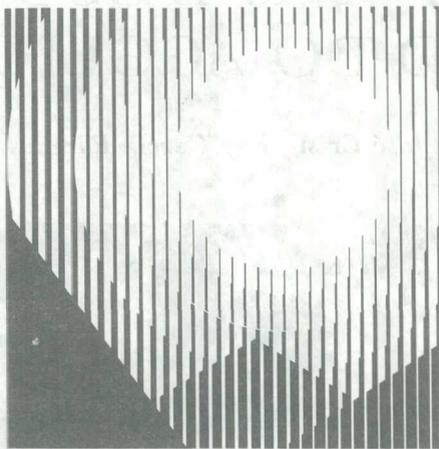
Quando menina, a morte adquiria as feições da ilustração do livro da Editora FTD adotado no primário para leituras: a famosa "Anatologia", uma figura esquelética, encapuzada, com uma foice nos ombros que encimava a narrativa sobre a mãe que, tendo que escolher um filho para ser ceifado pela morte, na hora e no local marcados em que esta apareceria, coloca-se ela mesma para ser sacrificada.

Da minha casa, na praça, quando ouvia o sino dobrar por Finados, corria até à igreja para assistir à encomenda do corpo e levá-lo ao cemitério. Havia a crendice, que compartilhava, de que se não fizesse isso, quando morresse ninguém acompanharia o nosso enterro... Acompanhei desde caixões revestidos de roxo, com enfeites dourados, a caixinhas de sapatos com "anjinhos" dentro e aos assustadores bangüês — lençol de saco alvejado amarrado a um pau que duas pessoas carregavam nos ombros. Ao subir a ladeira do cemitério, o morto balançava-se macabramente nessa rede improvisada. O cadáver era jogado diretamente na cova de terra e o lençol, reaproveitado.

Nos meus velórios infantis, vi mortos na mesa, vestidos com mortalhas de cetim e cobertos com véu, flores... (Ah, o cheiro de flores! Misturado ao das velas, impregnava o ar e aderiu às nossas narinas.) As virgens sempre eram vestidas de branco ou azul celeste, como o manto da Virgem Maria. Os adultos, de negro ou roxo. Até hoje não consigo usar esta cor. Lembro-me dos velórios e das roupas de luto que, mesmo crianças, tínhamos de usar. Às vezes, durante um ano inteiro, quando calhava de haver mais de uma morte na família.

Só para o luto dos pais se usava o negro.

Quando o defunto era pobre (a maioria), era estendido em um banco comprido e estreito. Vela nas mãos cruzadas. Sem véu ou mortalha. Roupas domingueira. Embora amarrando, pelos tornozelos, uma perna à outra. Lembro-me de um incidente na fazenda do meu tio. Havia morrido uma mulher da colônia dos trabalhadores e seu corpo estava sendo velado na humilde casa de pau-a-pique e



chão de terra batida. Aqui e ali, as mulheres rezavam um pai-nosso e uma salve-rainha. Os homens bebericavam pinga e contavam casos. A certa altura, o corpo de Sinhá Maria, que era uma mulher robusta, despencou do banco. O pessoal saiu apavorado pela única porta e janela. Houve gente que se machucou na correria. Foram chamar meu tio. Quando este chegou, presenciou cenas como a de um caboclo decidido que, através da janela, com uma vara de bater feijão, cotucava o corpo da pobre mulher caído ao chão e dizia: "Sinhá Maria, você morreu mesmo ô tá brincando?"

Meu tio constatou que a embira de bananeira que amarrava as pernas de Sinhá Maria havia-se arrebitado, provocando o desequilíbrio do corpo no banco.

E as histórias de mortos, ouvidas das empregadas ao pé do fogão enquanto se "quentava fogo" nas noites frias? Eram de encher de pavor. Mortos que voltavam para cobrar ou se vingar. Aparições na porta do cemitério...

E eu tinha muito medo da morte. Tanto que todas as noites rezava pedindo a Jesus ou ao meu protetor São José que não permitissem que a morte levasse a minha mãe antes de mim. Fiz até uma barganha — que eu poderia morrer aos 33 anos, como Cristo, se ela fosse mantida viva!

Quando meu avô paterno morreu, deixei de ir por uns bons tempos às mangueiras no fundo do quintal, sozinha. Ouvia os seus gemidos iguais aos que ouvi quando fui despedir-me dele no hospital da cidade vizinha!

Dezesseis anos ainda não completos e

minha mãe morreu de leucemia em São Paulo, que era apenas um nome para mim e muito distante da cidadezinha na qual vivia. Não a vi morrer. Não a vi morta. Vi-me órfã e tendo de cuidar de sete irmãos menores. Uma casou-se e três irmãos maiores trabalhavam fora. E a morte que tanto eu temia me pareceu irreal. Em minha fantasia de adolescente ficava aguardando a volta de minha mãe, acreditando até que papai tivesse forjado a história de sua morte para nos poupar de uma terrível doença. Só bem mais tarde, creio que aos 19 anos, me conscientizei da morte da minha mãe e vivenciei sua perda. O jogo do faz-de-conta acabara. Com a juventude surgiu a necessidade de viver a realidade, de encarar que nossa alma imortal encerra-se em um corpo finito.

E surgiu o questionamento do sentido da vida, em face da morte, da finitude da vida. Só mesmo com a vinda da maturidade descobri que é justamente a temporalidade que nos motiva para a responsabilidade em relação à nossa existência. Percebi que a morte faz parte da vida, dá-lhe sentido. Isto coincidiu com uma revisão do meu ingênuo conhecimento religioso e de sua atualização. O estudo da Bíblia, principalmente do Novo Testamento, foi a grande revelação, a descoberta de que para o cristão a morte não é o fim da existência. É a entrada na vida eterna. De que aquele que crê em Cristo estará para sempre com ele.

Paralelamente, a descoberta do valor positivo do sofrimento e da necessidade de expressá-lo. A descoberta de um Cristo que se comove com a morte de Lázaro e que expressa o seu pesar. A descoberta de que vivenciar o luto, através da morte de inúmeras pessoas queridas, é importante; o que não se deve é entregar-se ao desespero. De que nunca perdemos quem amamos; as pessoas amadas permanecem em nossas vidas, incorporaram-se à nossa história. De que quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e que o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: "Tragada foi a morte pela vitória" (cf. 1Cor 15,55).

Myriam Vallias de Oliveira Lima

RECEITAS NATALINAS SIMPLES

ENTRADA: Uma salada a gosto

PRATO PRINCIPAL: Peru recheado à mineira

Rendimento: 6 pessoas

Ingredientes:

1 peru de 2 e 1/2 quilos
3 xícaras de vinho branco
1/2 xícara de vinagre (ou limão)
sal socado com 5 a 6 dentes de alho
2 cebolas picadinhas
4 folhas de louro
2 ou 3 pimentas amassadas

1. Fure todo o peru por dentro e por fora no peito, nas pernas e nas costas e espalhe a mistura do molho, esfregando bem.
2. Deixe tomar gosto até o dia seguinte, conservando o peito para baixo a noite inteira.
3. Retire o peru dos temperos, leve-o para uma travessa grande e enxugue por dentro.
4. Encha o peito com a farofa, costurando com linha grossa.
5. Encha a outra parte e ponha depois da farofa uma fatia grossa de pão e costure a pele.
6. Prenda as asas com palitos e coloque-o numa assadeira com um pouco de gordura.
7. Cubra então com fatias de toucinho defumado todo o papo e o peito, prendendo as fatias com palitos.
8. Cubra todo o peru com uma folha de papel impermeável e junte na assadeira o molho em que ficou o peru.
9. Leve ao forno quente, por duas horas. Enquanto assa, regue de vez em quando com o molho da assadeira, levantando o papel.
10. Um pouco antes de tirar do forno, retire o papel de cima para dourar.
11. Retire do forno e deixe esfriar um pouco antes de trincar.

ACOMPANHAMENTO: Farofa

Rendimento: 5 pessoas

Ingredientes:

5 colheres (sopa) de manteiga
Miúdos do peru picadinhos
sal socado com 5 ou 6 dentes de alho
2 a 3 ovos cozidos
1 xícara (chá) de presunto picadinho
1 xícara (chá) de passas sem sementes
1 xícara de ameixa preta picada

2 a 3 xícaras de farinha de milho (ou mandioca)

1. Frite os miúdos da manteiga e vá pingando água até ficarem bem cozidos e macios.
2. Junte a cebola, tempere com sal e alho socado e se quiser um pouco de pimenta e misture o restante dos ingredientes, tendo o cuidado de juntar a farinha aos poucos para obter uma farofa úmida.

(Observação: esta farofa pode recheiar o peru e deixar uma parte por fora do mesmo como acompanhamento e enfeite do prato.)

SOBREMESA: Torta de uva

Rendimento: 5 pessoas

Ingredientes:

Massa:

2 xícaras (chá) de farinha de trigo
1/2 xícara (chá) de açúcar
125 g de manteiga
1 colherinha (café) de fermento
1 colherinha (café) de canela
2 colheres (sopa) de leite

Recheio:

1 pacote de pudim de baunilha
1/2 quilo de uvas brancas e pretas
1 xícara (chá) de açúcar
1 xícara (chá) de água

1. Peneire a farinha com o açúcar, o fermento e a canela.
2. Coloque por cima a manteiga e amasse misturando com um garfo para ficar reduzida à farofa.
3. Borrife com o leite e continue amassando até ficar úmida por igual e formar liga.
4. Junte com as mãos e deixe descansar 10 minutos.
5. Abra com o rolo em superfície enfarinhada e forme uma forma de torta de lateral removível.
6. Leve a assar em forno moderado até que fique dourada (15 a 20 minutos).
7. Antes de colocar no forno, dê uns furos com um garfo para não estufar.
8. Prepare o pudim conforme instruções na embalagem e despeje sobre a massa assada.
9. Espere esfriar um pouco e arrume por cima as uvas bem lavadas e enxutas, alternando as carreiras com pretas e brancas.
10. Faça uma calda com uma xícara (chá) de açúcar e 1/2 xícara (chá) de água, perfume com uma colher (sopa) de licor.
11. Deixe esfriar e derrame sobre as uvas para dar brilho.
12. Depois de gelada, retire o lateral da forma e enfeite com coco ralado ao redor.

(Opção: com a mesma receita faça torta de morangos, substituindo as uvas por morangos e cobrindo com gelatina de morangos parcialmente fria.)

A VERDADE SOBRE SÃO JORGE

São Jorge foi "cassado" pelo Vaticano? (2077)

(V.N. da S. — Barra Mansa, RJ)

Caro leitor, não consta em documentos da Igreja que São Jorge tenha sido "cassado" pelo Vaticano. Aliás, todos os calendários cristãos o incluem no elenco de seus santos. É chamado pela Igreja do Oriente de "Grande Mártir". Sua festa está assinalada nos martirologios católicos para o dia 23 de abril, oportunamente em que é sugerido celebrar missas em sua memória.

Muitos documentos a respeito desse santo foram alterados no século IV por inimigos da fé católica, por isso a dificuldade de discernir a verdade de muitos detalhes de sua vida. No entanto, sabe-se com certeza que ele viveu nesse século, provavelmente na cidade de Dióspolis, na Palestina. Nesta cidade existe hoje uma grande igreja mandada construir em sua honra pelo imperador romano Justiniano, ao final do século V. Lá se encontram várias de suas relíquias.

Sabe-se que ainda jovem seguiu com êxito a carreira das armas, recebendo inclusive a estima do imperador Diocleciano. Recusando-se a amparar com a força a tirania do império, e a renegar sua fé cristã, ele foi perseguido, cruelmente torturado e, finalmente, teve sua cabeça decepada. Conta-se que o mártir resistia aos suplícios com cantos de alegria, recitando os salmos de Davi.

Sua luta contra a injustiça e o mal é simbolizada pela imagem conhecida do cavaleiro que luta contra o dragão. Este acontecimento de sua vida é considerado lendário, mas significativo. São Jorge, atravessando o monstro com a lança, realça a vitória do fraco, a liberdade do débil que crê em Cristo e a derrota do poderoso.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA

Ciências explicam curas na RCC? (2078)

(I.C. — Mogi Guaçu, SP)

Quanto à relação das ciências psicológicas e parapsicológicas com as curas físicas nos grupos de oração da RCC, o que se pode dizer é que elas poderão esclarecer de modo científico, com suas teorias a respeito destes fenômenos, as curas que efetivamente ocorrem. As teses da Psicologia postulam que o indivíduo, quando melhor identificado consigo mesmo, quando reconciliado com o próximo e com Deus, passa a sentir harmonia em sua vida nas dimensões biofísica, psicológica, social e espiritual. Esta harmonia experimentada pelo organismo favorece o processo de curas de patologias e enfermidades de ordem psicossomática. A Parapsicologia, por sua vez, procura explicar cientificamente o fenômeno das curas com o simples efeito das influências paranormais da mente humana.

Enfocando as curas sob o ponto de vista da fé, não se pode desconsiderar a possibilidade da intervenção gratuita e direta do amor de Deus, conforme as inúmeras narrativas que, neste sentido, permeiam os Evangelhos. Os primeiros capítulos de Lucas nos revelam que para Deus tudo é possível (Lc 1,37). Deste modo podemos aceitar que a Parapsicologia e a Psicologia, como ciência do psiquismo humano, são muito úteis para ajudar uma compreensão dos fatos, mas, talvez, não tenham recursos que as capacitem a explicar aquilo que transcende o natural e que diz respeito ao domínio do mistério, como estas manifestações gratuitas e sensíveis do zelo de Deus.

Júlio César Melo Miranda, cmf

"IDE E ANUNCIAM O EVANGELHO!"



Jesus Cristo chama todos para uma importante missão: construir o Reino de Deus.

Mas se Você, particularmente, quer consagrar sua vida para esse fim e tem:

- amor por Deus, nosso Pai;
- amor pelos pobres;
- sede de justiça;
- audácia de proclamar a verdade;
- anseio da paz entre as pessoas;
- zelo pela salvação e libertação de todos;
- desejo de trabalhar por um mundo melhor;
- vontade de anunciar o Evangelho a todos...

então é o próprio Cristo quem o chama. Ele conta com você!

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS
(padres, irmãos e leigos)

- São Paulo, SP - CEP 01296
Cx. Postal 54215 -
Tel.: (011) 66-2128
- Rio Claro, SP - CEP 13500
Cx. Postal 136 -
Tel.: (0195) 24-2048
- Curitiba, PR - CEP 80001
Cx. Postal 153 -
Tel.: (041) 222-8115
- Esteio, RS - CEP 93250
Cx. Postal 23 -
Tel.: (0512) 73-1566
- Pouso Alegre, MG - CEP 37550
Cx. Postal 115 -
Tel.: (035) 421-1108

JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO, OFERECE O PERDÃO

Festa de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo
26/11/89

1.ª leitura: 2Sm 5,1-3.

O povo escolhido por Deus implora, consegue um rei. Mas o quer igual aos outros povos. Porém, Deus não aprova isso, porque ele mesmo é o único rei.

Davi foi consagrado rei em Hebrom: onde se deu o início à dinastia de Cristo. Foi o único rei que conseguiu a unificação das doze tribos de Israel. Deste modo vemos a vontade de Deus que quer a união de seu povo, de todos os povos.

2.ª leitura: Cl 1,12-20.

Paulo nos fala que Jesus Cristo é a imagem do Deus invisível. Todas as coisas foram feitas por ele, pois ele existia antes que as coisas fossem criadas. Cristo é a cabeça da Igreja. É a reconciliação e salvação do universo. Cristo é o princípio, meio e o fim.

Deus nos assume no reino de seu filho, do qual temos a salvação e a remissão dos pecados.

Evangelho: Lc 23,35-43.

De princípio vemos os chefes, os soldados caçoando da figura de Jesus Cristo, e colocando-o à prova para saber realmente se ele era o Messias, o Filho de Deus. A própria inscrição colocada na cruz era uma forma de gozação.

O que temos de ter bem em mente neste Evangelho é a figura do "bom ladrão", que se reconhece como culpado e vê a inocência de Jesus. No v. 42, percebemos o apelo que faz a Jesus: "Jesus, lembra-te de mim"... O ladrão não queria a libertação momentânea, mas pede a Nosso Senhor, que, na bondade de sua graça, o recebesse no reino dos céus. O que devemos admirar na figura do "bom ladrão" arrependido é sua confiança. Temos aqui um exemplo de conversão: primeiro se reconhece pecador; segundo suplica pela salvação.

No v. 43, recebe a resposta de Jesus: "hoje estarás comigo no paraíso".

Comentário:

O povo que esteve presente na crucificação de Jesus queria uma prova de seu reinado, mas esta, segundo a forma humana. E o sentido de rei que nós temos é o de possuir forças para derrotar os inimigos.

A liturgia de hoje vem nos apresentar que a morte de Cristo na cruz é um gesto de amor de Deus por



nós e com isto quer fazer germinar a conversão e a adesão a este mesmo amor, superando o ódio, a separação. Jesus Cristo é rei, porque ele é o mediador. Deus cria tudo por amor, por isto nós somos chamados a participar de sua própria vida.

E a atitude do "bom ladrão" apresentada no Evangelho, adquire sentido naquele ser humano que acredita, mesmo quando surgem adversidades. A felicidade a encontramos no amor-doação e quando não medimos esforços para aceitar a vida de Jesus.

LEITURAS DA SEMANA: DIA 27, 2.ª-f.: Dn 1,1-6.8-20; Lc 21,1-4. DIA 28, 3.ª-f.: Dn 2,31-45; Lc 2,5-11. DIA 29, 4.ª-f.: Dn 5,1-5.13-13.16-17.23-28; Lc 21,12-19. DIA 30, 5.ª-f.: Rm 10,9-18; Mt 4,18-22. DEZEMBRO DIA 1, 6.ª-f.: Dn 7, 2-14; Lc 21,29-33. DIA 2, SÁBADO: Dn 7,15-27; Lc 21,34-36.

VIVAMOS EM ESTADO DESPERTO, À LUZ DE CRISTO, POIS A SALVAÇÃO ESTÁ CHEGANDO

1.º Domingo do Advento
03/12/89

1.ª leitura: Is 2,1-5.

Trata-se de um anúncio feito em época de crise. Jerusalém se encontra destruída. O desânimo e a descrença toma conta do povo. Mas o oráculo traz uma promessa que incita à fé e à esperança: a ação de Deus para transformar Jerusalém em cidade nova e universal. O profeta já não espera a salvação da estratégia política e militar, mas do Deus de Sião e do universo.

2.ª leitura: Rm 13,11-14.

Paulo, no 1.º versículo, nos convida a tomar consciência da importância do tempo da vida cristã no plano de Deus. O cristão vive na era da salvação final e é convidado a viver o momento presente, como passagem para a vida segundo Jesus Cristo. O cristão vive em Cristo porque, desde o batismo, está revestido de Cristo. O que ocorreu no batismo há de ser vivido constantemente e assim, renovando-se o homem em todas as dimensões de sua existência, renova-se, através do amor, a face da terra até que Ele venha.

Evangelho: Mt 24,37-44.

Mateus usa de várias parábolas ligadas à segunda vinda do Senhor. Vale para todos não calcular, mas estar prontos (vv. 42-44), e tanto para a nossa existência aqui e agora quanto para o fim do tempo.



Estar vigilante não quer dizer estar irrequieto, mas, dedicado ao serviço de Cristo.

Comentário:

Com o primeiro Domingo do Advento iniciamos um novo Ano Litúrgico. O Ano Litúrgico pode ser comparado a uma árvore que a cada ano dá frutos novos. A árvore é sempre a mesma, mas os frutos são outros. Deste modo, representa a primeira proposta de Deus para a conversão. O tempo do Advento não se limita a preparar os Cristãos para a celebração do Natal. Preparando-nos a esta festa, somos convocados para preparar a vinda do Salvador. No Antigo Testamento, os profetas prepararam o povo antigo para a vinda do Senhor, suscitando uma grande expectativa. Também devemos despertar em nós uma grande expectativa que nos prepare à vinda do Senhor, que é a vinda do Reino de Deus. Reino de paz, de amor e de justiça. O Advento nos convida a abrir o nosso coração à esperança, e anuncia a proximidade de um novo tempo, marcado pelas transformações entre os homens (1.^a leitura). Devemos, pois, viver em estado desperto, à luz do dia de Cristo, para que ele sempre nos possa encontrar dispostos para a vida que ele nos ensinou na prática incansável da caridade (2.^a leitura). O convite insistente à vigilância indica qual deve ser o modo habitual de o cristão encarar a vida. Sabemos que o Senhor há de vir uma segunda vez, como veio quando nasceu em Belém. Mas não sabemos quando será. Na expectativa de sua hora, e nossa também, o conselho de Jesus é claro: "Vigiem, estejam preparados" (Evangelho).

LEITURAS DA SEMANA: DIA 04, 2.^a-f.: Is 4,2-6; Mt 8,5-11. **DIA 05, 3.^a-f.:** Is 11,1-9; Lc 10,21-24. **DIA 06, 4.^a-f.:** Is 25,6-10a; Mt 15,29-37. **DIA 07, 5.^a-f.:** Is 26,1-6; Mt 7,21.24-27. **DIA 08, 6.^a-f.:** Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Gn 3,9-15.20; Ef 1,3-6.11-12; Lc 1,26-38. **DIA 09, SÁBADO:** Is 30,19-21.23-26; Mt 9,35-38; 10,1.5-8.

AM AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 22. 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º E7 e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregorianin (MTPS) n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Horácio Menegat, Antonio Maurício Rocha Lima
Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista **Ave Maria** — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: NCZ\$ 5,00; assinatura nova e renovação: NCZ\$ 50,00; assinatura de benfeitor: NCZ\$ 100,00

CONVERTER-SE A JESUS NA ALEGRIA

2.º Domingo do Advento 10/12/89

1.^a leitura: Is 11,1-10.

O profeta Isaías anuncia a vinda do Messias. Ele será descendente de Davi (v.1), receberá a plenitude do Espírito de Deus. As expressões poéticas usadas pelo Profeta (o lobo com o cordeiro, a pantera com o cabrito (v.6s) são imagens que evocam a nova época que o Messias deve instaurar na humanidade, onde não haverá rivalidade, nem ódios, nem domínios.



2.^a leitura: Rm 15,4-9.

A Escritura traz esperança para o homem, uma esperança que se confirma em Cristo. O centro da esperança cristã é a união no amor fraterno. A sua realização é dom de Deus, e por isso Paulo pede que Ele conceda aos cristãos a graça de perseverar no exemplo de Cristo.

O princípio para construção da unidade está no versículo 7: "Acolham-se uns aos outros como Cristo acolheu a vocês". Acolhimento como aceitação e compreensão.

Evangelho: Mt 3,1-12.

O Evangelho nos apresenta João Batista que veio para preparar os homens para reconhecerem e receberem o Messias. Segundo a expressão de Isaías, citada pelo Evangelista, ele é a voz que clama no deserto, a preparar o caminho do Senhor (v.3). Esta preparação é realizada pela pregação (v.1) e pelo batismo e confissão dos pecados (vv.5-6).

João critica os fariseus, pois se apresentavam ao batismo sem mudar de vida. O batismo de João (vv.11-12) é sinal de que as pessoas estão se preparando para o compromisso com Jesus. Ele é que traz o batismo definitivo, e que vai separar os homens, assim como lavrador separa o trigo da palha.

Comentário:

Somos convidados a assumir o compromisso com o mundo novo. A fraternidade exige conversão e penitência.

O apelo que João faz, hoje, a cada um de nós é pessoal e atual. Não importa o que fui, importa o para que sou chamado a ser agora. E é nesta perspectiva que se encontra o Advento: é necessário examinarmos a presença de Deus em nossa caminhada. Deste modo somos incentivados a viver autenticamente os valores cristãos.

A conversão a Deus exige de nós, em primeiro lu-

gar, que reconheçamos o que está errado, e concebamos o propósito de fazer tudo para mudar e pedir perdão através do sacramento da reconciliação. Em segundo lugar, devemos viver a vida que Jesus nos ensina por sua Palavra e exemplo. Isto será a prova de nossa conversão e ato de louvor a Deus. Converter-se a Cristo continua sendo necessário também ao "bom católico". A opção pelo Reino nos convida ao total despojamento, à renúncia de qualquer forma de orgulho. Devemos, pois, abandonar nossa vida egoísta para viver a justiça e a caridade, que o Messias veio ensinar e mostrar.

LEITURAS DA SEMANA: DIA 11, 2ª-f.: Is 35,1-10; Lc 5,17-26. **DIA 12, 3ª-f.:** Gl 4,4-7; Lc 1,39-47. **DIA 13, 4ª-f.:** Is 40,25-31; Mt 11,28-30. **DIA 14, 5ª-f.:** Is 41,13-20; Mt 11,11-15. **DIA 15, 6ª-f.:** Is 48,17-19; Mt 11,16-19. **DIA 16, SÁBADO:** Eclo 48,1-4.9-11; Mt 17,10-13.

JESUS CRISTO, CAUSA DE NOSSA ALEGRIA

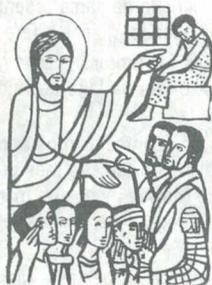
3º Domingo do Advento
17/12/89

1ª leitura: Is 35,1-6a.10.

O Profeta faz o anúncio da libertação que vem de Deus a todo o povo que estava exilado (v.4). A ação libertadora de Deus não se restringe somente em mudar o povo de suas terras. Agora chegariam os tempos messiânicos, em que o mal seria vencido: não haverá mais cegos, nem surdos, coxos ou mudos (vv.5-6). Não haverá obstáculos à felicidade (v.10).

2ª leitura: Tg 5,7-10.

Tiago se volta aos "irmãos" pobres, a fim de pedir-lhes paciência na espera do Advento do Senhor. A paciência não é conformismo com a opressão do pecado pessoal e social, mas abertura confiante daquele que espera o Senhor que vem. Não é resignação, mas fruto do amor, vontade de descobrir o ou-



tro e tudo fazer para ajudá-lo a libertar-se de tudo o que aliena, o dinheiro inclusive. Isto exige tempo.
Evangelho: Mt 11,2-11.

Jesus proclama que na sua Pessoa se está cumprindo tudo quanto estava escrito acerca do Messias. As obras falam por ele (v.5). Então Jesus é enviado definitivo de Deus; sua maneira de agir implanta o Reino de Deus. O grande sinal de sua missão divina passa através de sua atividade em favor dos que sofrem, através do anúncio do plano salvador de Deus aos homens, especialmente aos mais pequeninos.

Comentário:

A Boa Nova da Salvação é uma mensagem de alegria. O mundo atual não conhece, absolutamente, esta alegria integral. Há, sem dúvida, alegrias próprias do homem moderno, mas essas alegrias, reservadas na qualidade apenas a alguns, são, geralmente, incertas. O mundo visível não é absurdo, porque Deus o ama e o princípio vivo de seu êxito foi-nos dado no próprio Messias. Jesus comunica uma alegria que é sua e que nele gerou o dom total de si próprio e a perfeita obediência ao Pai; mas recebem esta alegria tão-somente aqueles que, por sua vez, observam o mandamento do amor sem fronteiras.

A alegria do Evangelho é uma alegria que vem do Alto, mas que, ao mesmo tempo, deve brotar do coração do homem: é uma alegria divino-humana, que quer derrubar as barreiras que separam dos outros homens, buscando a fraternidade.

A celebração eucarística constitui um dos terrenos privilegiados onde se deve comunicar e experimentar a verdadeira alegria. Todos, reunidos em torno das duas mesas — da Palavra e do Pão — vivemos, antecipadamente, a salvação do Reino e a fraternidade nele contida. Mas tudo isto exige que, em nossa diversidade, nos constituamos irmãos pela graça de Cristo.

Paulo Fernando Miki, cmf

LEITURAS DA SEMANA: DIA 18, 2ª-f.: Jr 23,5-8; Mt 1,18-24. **DIA 19, 3ª-f.:** Jz 13,2-7.24-25a; Lc 1,5-25. **DIA 20, 4ª-f.:** Is 7,10-14; Lc 1,26-38. **DIA 21, 5ª-f.:** Ct 2,8-14; Lc 1,39-45. **DIA 22, 6ª-f.:** 1Sm 1,24-28; Lc 1,46-55. **DIA 23, SÁBADO:** Ml 3,1-4.23-24; Lc 1,57-66.

O padre José Jorge Andery nasceu em Pouso Alegre, MG, em 12/04/1914 e faleceu em 26/05/1989 em Batatais, SP. Era filho de Jorge José Andery e Mansura Abraham, ambos libaneses. Ingressou no Seminário Menor dos Padres Claretianos em 23/01/1926, emitindo os 1º votos religiosos em 1931 e ordenou-se sacerdote em 1938. Foi professor no Seminário Menor Claretiano em Rio Claro, SP, no Colégio Coração de Maria, São Paulo, SP (do qual foi fundador e vice-diretor); e também no Colégio São José em Batatais, SP. Foi Pároco da Paróquia Imaculado Coração de Maria em Araçatuba; SP e da Paróquia do

Pe. José Jorge Andery, cmf
(Missionário Claretiano)



Imaculado Coração de Maria de Fátima na Vila Leopoldina (Alto da Lapa) em SP. Sempre divulgou a devoção ao Coração de Maria. Durante toda a sua vida, pregava missões, retiros, novenas e a essa atividade dedicou-se exclusivamente de 1976 até o seu falecimento. Padre Andery viveu as palavras de São Paulo na 2ª carta a Timóteo 4,2: "Pregue a Palavra, insista oportuna e importunamente, repreenda, ameace, exorte com toda paciência e empenho de instruir". Que o Senhor o recompense por toda boa semente plantada entre nós.

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Corfês)

O PREFEITO NÃO PRECISAVA DE RELIGIÃO, NEM MESMO DE DINHEIRO, POIS ELE TINHA O PRINCIPAL: O PODER!



IH, JESUS, AFINAL DE QUE COR VOCÊ É? OS DA DIREITA DIZEM QUE VOCÊ É VERMELHO; OS DA ESQUERDA AFIRMAM QUE VOCÊ É AZUL... ESTÃO ROTULANDO VOCÊ...

Esta cidade só alcançará a felicidade quando conseguir sua autonomia... Po-vo de Nazaré, votem em mim! só assim seremos mais poderosos!

Meu partido e meus correligionários têm o poder de colocar Nazaré à altura de todas as grandes cidades do mundo...



É VERDADE, MAMÃE?



QUE DIREITA, QUE ESQUERDA, QUE NADA! O QUE EXISTE SÃO HOMENS QUE ESCRAVIZAM E HOMENS QUE LUTAM PARA QUE NENHUM HOMEM SEJA ESCRAVO DE OUTRO HOMEM. JÁ HÁ MUITA GENTE ROTULADA POR AI, COMO DIZ JOÃO BATISTA, ENGANANDO O POVO.



SLOLYN

UM DIA O MUNDO CANSADO...



HÁ DE SORRIR DE NOVO POR CAUSA...



DA ALEGRIA QUE VOCE TRANSMITE!

PODES CRE!?



Célio

NA PAZ DO SENHOR

Em Sorocaba, SP, MARIA DE CÁSSIA G. NASCIMENTO aos 02/03/89. Pe. GERALDO FERREIRA LIMA aos 08/02/89. Em Limeira, SP, MONSENHOR SYLVESTRE ROSSI aos 17/07/89. No Rio de Janeiro, CONCEIÇÃO TEIXEIRA WEBER, mãe do Pe. José Weber Caldeira (claretiano) que durante toda sua vida propagou a Revista AVE MARIA e, ainda nas vésperas de sua morte, pediu insistentemente a uma filha que fizesse 4 assinaturas para alguns parentes, incluindo entre essas assinaturas a de um bisneto, aos 28/12/88. Em São João Del Rei, MG, MARIA DE LURDES CAPELLI TORGA aos 24/03/89. Em Cruz Alta, RS, ROMALINA MACHADO SANTOS SILVA aos 03/03/63. ESMERALDA SANTOS SILVA aos 21/02/78. Em São Paulo, SP, ANTONIO CLARET SILVA MARTINS aos 29/02/88. No Rio Grande do

Sul, ALBERTINA SILVA MARTINS aos 13/09/88. Em Bento Gonçalves, RS, BLANDILA LEOPOLDINA LEDUC CALEFFI aos 26/06/1989, mãe do padre Nelson José Caleffi, missionário claretiano. Em Cachoeira Paulista, SP, MARIA RIBEIRO MACHADO aos 02/06/1988. Em Varginha, MG, MARIA ROSA BOTELHO aos 15/01/89.

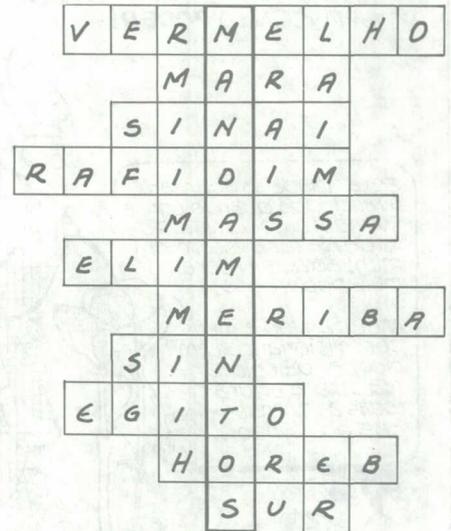
AGRADECEM FAVORES

GENI LOPES DE SANTANA por intermédio dos santos: Antônio, Geraldo e de Nossa Senhora Aparecida. MARIA RUSSO por intermédio do Coração de Jesus, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia e Sto. Expedito. Conceição, de São Sebastião do Paraíso, agradece uma graça alcançada.

RELENDO A BÍBLIA

RESULTADO:

SIN, SUR, ELIM, MARA, EGITO, HOREB, MASSÁ, SINAI, MERIBÁ, RAFIDIM, VERMELHO.



Sr. Diretor

Escrevo-lhe para dizer que estou mandando de presente uma ASSINATURA da revista Ave Maria para:

Sr(a) _____
 Rua _____ N.º _____
 CEP _____ Cidade _____ Est. _____

UTILIZE O CUPOM RECIBO/DEPÓSITO.
 É MAIS FÁCIL, É MAIS ECONÔMICO,
 É MAIS RÁPIDO.

E estou enviando para a **Revista AVE MARIA**
 R. Martim Francisco, 656
 01226 SÃO PAULO - SP

o pagamento de NCZ\$ 50,00 pelo seguinte modo (assinale com X):

- Depósito no Banco Itaú S/A
 Ordem de Pagamento do Banco _____
 Cheque (cruzado) do Banco _____
 Vale Postal

Meu nome: _____

Rua _____ N.º _____
 CEP _____ Cidade _____ Est. _____

Assinatura: _____

REVISTA AVE MARIA 11,89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

| AG. CENTRALIZADORA | FINALIDADE | VALOR | AG. CENTRALIZADORA | FINALIDADE | VALOR |
|--------------------------|--|-------------|--------------------------|--|----------------|
| 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP | <input type="checkbox"/> assinatura nova | NCZ\$ 50,00 | 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP | <input type="checkbox"/> assinatura nova | NCZ\$ 50,00 |
| AG. _____ | CONTA _____ | DAC _____ | CEP _____ | CIDADE/ESTADO _____ | AG. _____ |
| 0186 | 18.081 | 6 | 01.238 | SÃO PAULO - SP | 0186 |
| | | | | | 18.081 |
| | | | | | 6 |
| | | | | | 01.238 |
| | | | | | SÃO PAULO - SP |

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO: _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

REVISTA AVE MARIA 11,89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

| AG. CENTRALIZADORA | FINALIDADE | VALOR | AG. CENTRALIZADORA | FINALIDADE | VALOR |
|--------------------------|--|-------------|--------------------------|--|----------------|
| 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP | <input type="checkbox"/> assinatura nova | NCZ\$ 50,00 | 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP | <input type="checkbox"/> assinatura nova | NCZ\$ 50,00 |
| AG. _____ | CONTA _____ | DAC _____ | CEP _____ | CIDADE/ESTADO _____ | AG. _____ |
| 0186 | 18.081 | 6 | 01.238 | SÃO PAULO - SP | 0186 |
| | | | | | 18.081 |
| | | | | | 6 |
| | | | | | 01.238 |
| | | | | | SÃO PAULO - SP |

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO: _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

A MAIS ANTIGA REVISTA CATÓLICA MARIANA DO BRASIL



Ao completar 91 anos de vida, a revista Ave Maria continua prestando, junto às famílias cristãs de todo o Brasil, inúmeros serviços de grande utilidade, sem esquecer a cultura, o lazer e principalmente, a orientação religiosa.

Todo mês a revista AM traz artigos que abrem caminhos para reflexões, questionamentos e respostas a tantas dúvidas do homem de hoje no que diz respeito à fé, esperança, justiça e principalmente religião dentro da realidade atual. Assuntos sobre Nossa Senhora, catequese, liturgia. A Bíblia pensada, compreendida e integrada ao nosso dia-a-dia. Enfim, uma revista que transmite o Evangelho, um suporte para fortalecer a fé e levar conforto espiritual aos seus leitores, além de notícias da Igreja no mundo e também receitas práticas e passatempos.

E, agora, ela dá uma sugestão a Você:

Você já pensou em dar uma assinatura de presente a um parente, amigo, vizinho ou alguém que Você estima e quer bem?

Se você não tem tempo de sair de casa para procurar, escolher e comprar uma lembrança, ou se aborrece em andar procurando um presente útil, aproveite a nossa sugestão, ofereça uma assinatura da revista AM de presente.

É um presente sempre interessante, útil e barato, e dura um ano inteiro. E todos os meses Você será lembrado com admiração e alegria.

Aproveite a oportunidade e Você sentirá a satisfação de estar contribuindo no anúncio da Boa-Nova.

Acredite, sempre é tempo para dar e para receber um bom presente.

ASSINATURA — COMO FAZER?

- Preencha o RECIBO/DEPÓSITO (veja o cupom ao lado) e deposite-o em qualquer agência do Banco Itaú.
- Se em sua cidade não houver agência do Itaú, utilize um dos três modos que seguem:

- 1 - Por **ordem de pagamento**, feito em qualquer banco.
- 2 - Por **cheque** (cruzado) pagável em São Paulo SP, remetido por carta.
- 3 - Por **vale postal**, feito no correio. Mandar para a agência Santa Cecília, SP, código 403911.

Em todos os 3 casos o pagamento deve ser sempre em nome da revista AVE MARIA.

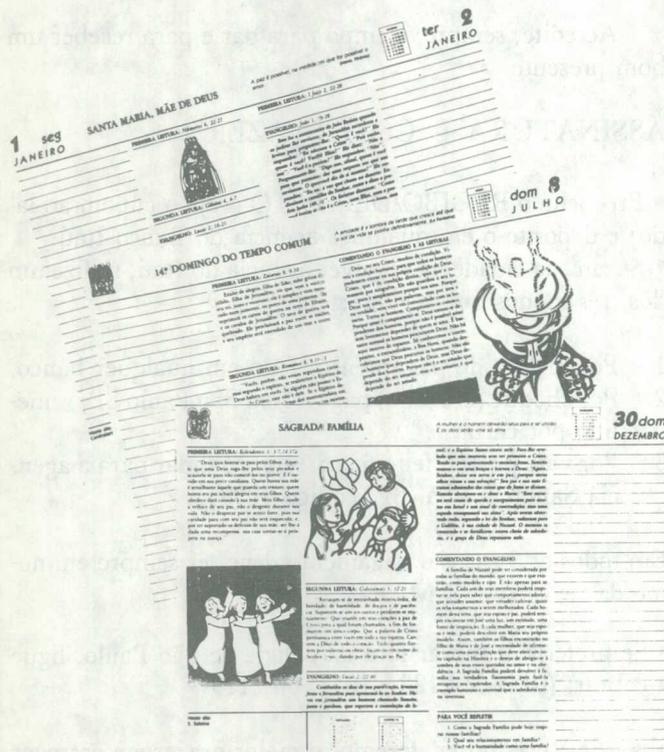
- Se preferir, e morar fora da cidade de São Paulo, ligue a cobrar: (011) 66-2128 e (011) 66-2129

obs.: Se Você quiser, teremos o maior prazer em escrever ao novo assinante, revelando quem foi a pessoa que gentilmente deu o presente. Se é este o seu desejo, basta preencher os dados ao lado (veja o cupom superior), destacar e remeter para a revista Ave Maria.

VOCÊ JÁ CONHECE A AGENDA BÍBLICA DA AM EDIÇÕES?

Em seu segundo ano de sucesso, ela continua *novidade absoluta*, pois, além das vantagens e utilidades comuns a todas as agendas, a AGENDA BÍBLICA oferece a você:

- as mais belas páginas, vivas e palpitantes, do Evangelho de Jesus;
- comentários objetivos dos textos bíblicos, que o ajudarão a entender seu conteúdo e esclarecer certas passagens;
- questões para compreensão dos textos, que o levarão a uma diária meditação;
- frases dos mais célebres pensadores, que poderão lhe dar novas idéias e sugerir soluções simples para problemas complexos, trazendo conforto imediato;
- curiosidades dos mais diversos tipos, que aumentarão sua cultura geral;
- informações variadas, que complementarão seu cotidiano no lar, no trabalho e no lazer.



AGENDA BÍBLICA:

A mais bela e emocionante mensagem de amor que você pode levar consigo o ano inteiro ou oferecer a alguém muito especial.

Com 450 páginas e dois modelos distintos de capa, a AGENDA BÍBLICA é um presente maravilhoso e inesquecível!

Preencha já o seu cupom com letra bem legível, recorte e envie imediatamente seu pedido para:

AM edições - Caixa Postal 54165 - CEP 01296 - São Paulo - SP
ou pelo telefone: (011) 826-6111

Peço enviar-me exemplares da AGENDA BÍBLICA, ao preço de NCz\$ 30,00, pelo reembolso postal.

ATENÇÃO: NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Nome: _____

Endereço _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

**PEDIDOS DE 5 OU MAIS EXEMPLARES
TERÃO DESCONTO DE 15%**

O QUE VOCÊ VAI DIZER QUANDO O MENINO JESUS CHEGAR?

*POIS É, AMIGO... O NATAL JÁ SE APROXIMA!
E COMO GOSTARÍAMOS DE ESTAR
PRÓXIMOS DE TODOS AQUELES
QUE NOS SÃO CAROS!
COMO ABRAÇAR A TODOS
AQUELES QUE NOS
ACOMPANHARAM DURANTE O ANO?
— ISSO É POSSÍVEL? — CLARO!
COM CARTÕES DE NATAL,
SEU RECADO “CHEGA LÁ...”*

Não deixe para depois... Mande cartões de Natal a quem espera sua palavra amiga.

A revista Ave Maria lhe oferece lindos modelos. Conheça nossa promoção e faça já sua encomenda. Além de estar comunicando a verdade e a paz do

menino Deus, você estará contribuindo para a formação dos futuros missionários claretianos. Escreva-nos.

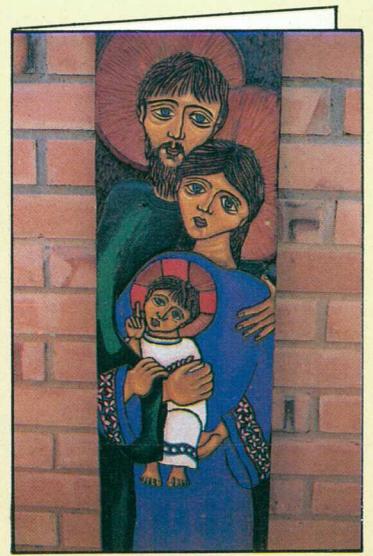
Cartões de Natal - uma ótima idéia.
Retribua a amizade e o afeto de tantas pessoas desejando-lhes as melhores bênçãos de Deus e um Feliz Ano Novo.



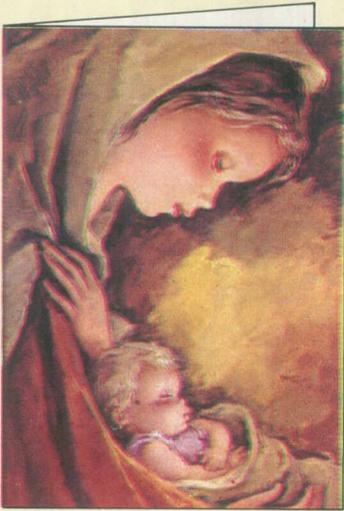
Nº 77 (110 x 165 mm)



Nº 78 (110 x 165 mm)



Nº 79 (110 x 165 mm)



N° 31 (210 x 150 mm)



N° 34 (200 x 150 mm)



N° 39 (210 x 150)



N° 10 (200 x 145 mm)



N° 08 (200 x 145 mm)



N° 35 (200 x 130 mm)

MODELOS

ASSINALE AQUI
A QUANTIDADE
DE CARTÕES
PEDIDOS

| | | | |
|----------|-----------------|-------|---------|
| N° 08 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| N° 10 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| N° 31 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| N° 34 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| N° 35 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| N° 39 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| N° 77 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| N° 78 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| N° 79 | NCz\$ 2,00 cada | | cartões |
| SUBTOTAL | | | cartões |

ATENÇÃO!

Para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar,

faça assim:

- 1 — Preencha corretamente os espaços pontilhados.
- 2 — Some a quantidade de cartões pedidos.
- 3 — Verifique, na *tabela de descontos*, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra. Com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

Reúna os pedidos dos amigos para conseguir maiores descontos!

Pedidos acima de 500 cartões: 20% de desconto

Preencha os espaços corretamente,
indicando a quantidade de cartões desejados e envie para:
SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 54215 - CEP 01296 - São Paulo - SP

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

OBS.: Cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

- Os cartões serão remetidos por meio do Secretariado Vocacional Claretiano e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.
- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.